



# OLHO DA ÁRVORE



**WILL MONTEATH**

ABSINTO  
LITERÁRIO



# OLHO DA ÁRVORE



WILL MONTEATH

1ª EDIÇÃO

Copyright © Will Monteath, 2024



**Olho da árvore**  
*Will Monteath*

Diagramação:  
**Absinto Literário**

Revisão:  
**Charles Monteath**  
**Roberto Dieckmann**

Ilustrações:  
**Stefano Lolli**

Projeto Gráfico e Editorial:  
**3 Pulin**  
**Absinto Literário**



Monteath, Will,  
Olho da árvore – 1ª Edição

Will Monteath, Florianópolis – SC: 2024  
ISBN: 9798879268744



Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.



# ÍNDICE

1. NÃO SOU BOM EM PING-PONG .....	6
2. O HOMEM PISOU EM CAMPO MINADO SEM SABER .....	14
3. NADA MUITO SENSUAL, PORÉM BASTANTE CONFORTÁVEL .....	23
4. UMA ESPÉCIE DE HOBBY MACABRO .....	32
5. ENROLANDO OS PEQUENOS CACHOS DO CABELO COM O INDICADOR.....	40
6. SE MULTIPLICAM COMO HAMSTERS SE REPRODUZINDO EM UMA SURUBA .....	51
7. PANQUECAS AMERICANAS COM MAPLE SYRUP .....	59
8. COMO UM CABRITO PASTANDO EM UM CAMPO DESCONHECIDO.....	68
9. AS ONÇAS PINTADAS E OS PINGUINS AFRICANOS .....	76
10. QUE NEM UM MENTECAPTO TARADO .....	85
11. IRMÃOS SIAMESES ROMPENDO CURVAS SINUOSAS POR ENTRE A NÉVOA .....	91
12. NEM RICO, NEM TALENTOSO E TAMPOUCO INFLUENTE.....	101
13. PÁSSAROS, INSETOS E UMA FLAUTA TIBETANA .....	109
14. O ÚLTIMO ACORDE DE UMA BOSSA NOVA RESENTIDA .....	116
15. MISTURA DE FOFOCA COM ESOTERISMO .....	123



Dedicado à *Charles Rio*, exímio pianista, amante do jazz e da bossa nova, e revisor desse livro. E o melhor: é meu pai.



# 1.

## NÃO SOU BOM EM PING-PONG

### **"Sobre os alissensofistas.**

Se você acha que os veganos são estritos em relação a alimentação, é porque ainda não conheceu os alissensofistas.

O termo alissensofista vem de "alimentação sem sofrimento". E, fundamentalmente, prega que, assim como os animais, os vegetais também sofrem. Segundo seu entendimento: uma banana quando é arrancada da bananeira, ou quando uma rúcula é extraída da terra, ou em todos os casos envolvendo dilaceração ou morte do vegetal, há dor. Plantas sentem dor. Artigos científicos corroboram com a teoria, inclusive com publicações no New York Times. O livro "A Vida Secreta das Árvores", de Wohlleben, contribui para a proposição atribuindo características humanas às árvores, que formam famílias, têm filhos, cuidam dos doentes e possuem memória. Portanto, quando falamos de dieta alissensofista, ou alissem (abreviação e como eles se autodenominam), além das restrições alimentícias que conhecemos dos veganos, eles também não se alimentam de nenhum legume, verdura ou fruta. Tampouco de grãos ou oleaginosas. Em suma: nada de origem animal e vegetal.

Então fica a pergunta que não quer calar: o que resta para se comer segundo os preceitos da dieta alissem?

A resposta impressiona: energia solar e água potável. E disso, e somente disso, é que se alimentam.



A alimentação alissem é o novo fenômeno que começa, discretamente, a expandir seus tentáculos se anunciando como a dieta sagrada. A única dieta cem por cento em comunhão com a natureza e com a Forma Criadora, que é como eles se referem ao regente e criador do universo. O Deus Alissem. E eles se orgulham disso. “Sem sofrimento!” – bradam, altivos. Dizem que um alissem é, acima de tudo, uma pessoa do bem, generosa, que vive em paz com seu entorno. Fundada em Santa Catarina por uma mulher misteriosa que não aparece em público, a dieta vem ganhando adeptos por toda região sul do Brasil. Inclusive, já foram relatados casos de pessoas que se denominam alissensofistas em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Norte.

Segundo os próprios, mais do que uma dieta, ser alissem é um estilo de vida. Os alissens, por sua altíssima restrição alimentar e baixa aceitação por parte dos não-praticantes (inclusive dos próprios veganos, que os criticam), acabam convivendo apenas com outros adeptos da mesma dieta, o que dá origem a formação de comunidades alissensofistas.

As comunidades são de difícil acesso e, apesar de muito pacíficos, eles podem se tornar agressivos se alguém não praticante tentar entrar em seu território sem autorização prévia. Os alissens muitas vezes são taxados de seita, culto ou sociedade secreta. Sabe-se que em suas comunidades existe meditação, contemplação e cânticos que exaltam a natureza e a Forma Criadora, que é representada por uma Araucária com um olho egípcio no centro do tronco, e que acabou por virar também o símbolo alissem. Fora isso, seus hábitos ainda são misteriosos e pouco se sabe sobre o que acontece dentro das comunidades.

A grande dúvida que resta é: como eles sobrevivem se alimentando apenas de água e energia solar?



Seus membros juram que são saudáveis e que sua dieta é mais do que suficiente para viverem bem e com a consciência limpa de que estão em paz com o planeta. Afirmam que não passam fome e que tem energia suficiente para tudo que precisam. E isso é tudo que falam. Qualquer pergunta mais técnica ou considerada tendenciosa, eles se recusam a responder. Assim como se recusam também a se submeter a qualquer tipo de exame médico que comprovem seu estado de saúde.

Comunidades alissens já foram encontradas em Urubici, em Ibituba e na Serra do Rio do Rastro, onde, ao que parece, se localiza a fundadora e elo que une todos os praticantes. A comunidade do Rio do Rastro é considerada a maior e pioneira, e dali saem as recomendações sobre o modo alissensofista de se viver.

Assim como o veganismo que teve um crescimento vertiginoso nas últimas duas décadas, os alissens entendem que deverão seguir um caminho semelhante, para assim, salvarem o planeta, libertando-o de sofrimentos desnecessários, tanto animais quanto vegetais. Sem sofrimento! – bradam com os olhos convictos de suas boas ações e intenções.”

Reviso o texto pela terceira vez. Troco todas as vírgulas de lugar. Substituo pontos por vírgulas, acrescento parágrafos e corto palavras desnecessárias. Depois volto com as palavras que fizeram falta para o entendimento da mensagem, elimino os parágrafos, destroco todas as vírgulas por pontos, e volto todas as vírgulas para o lugar de origem. Está pronto! Na verdade, não está pronto. Tal qual uma pintura, é muito difícil dizer quando um texto está totalmente finalizado. Sempre há espaço para modificações. Uma palavra a mais ou uma pincelada despreziosa aqui e ali. Uma obra inacabada. A Capela Sistina ou uma escultura de Michelangelo.





Porém, nesse caso, estamos falando apenas de um singelo artigo. Não quero me comparar com qualquer gênio renascentista francês ou italiano, tampouco com os imortais escritores. Não sou pretencioso a esse ponto e entendo bem o meu lugar: a três oceanos de distância dos pés de qualquer escritor ou artista mais talentoso.

Me contento em finalizar o modesto apanhado de palavras que em conjunto pode ser que faça algum sentido. Um artigo que em breve deverá compor algum jornal sensacionalista de baixíssima circulação. Não que eu me importe com a baixa circulação do jornal, tampouco me interessa saber a repercussão do que escrevi. Diria que, muito provavelmente, ninguém vai ler mesmo. Eu me preocupo é em entregar um serviço decente, que passe a mensagem correta. Não me chegam muitos trabalhos e devo admitir que possuo poucos clientes. Nunca fiz um grande esforço comercial vendendo meus serviços de ghostwriting (e pretendo continuar não fazendo). Entretanto, os clientes que chegam até mim, geralmente por indicação, viram recorrentes. É a recompensa de um trabalho sério.

Sobre a atividade de ghostwriting, ou “escritor fantasma”, ela atende perfeitamente ao meu estilo de vida. Não preciso sair de casa atrás de informação, não preciso investigar nada e nem coletar dados. Não me exponho e nem me coloco em situações perigosas, ou pior, embaraçosas. Apenas recebo, no conforto do lar, um telefonema do cliente com as informações e com as intenções do que ele pretende escrever. Minha missão é concatenar tudo e entregar um produto final palatável e de acordo com o briefing. São poucos os escritores fantasmas profissionais e disponíveis no mercado, como eu. Um escritor fantasma profissional. Parece piada, mas não é.

Envio o texto por e-mail ao meu cliente confiante de que fiz um trabalho digno. Escrever textos no editor e enviar e receber e-



mails é tudo que sei sobre informática, qualquer coisa além disso sou uma negação. Assim como também sou péssimo para qualquer atividade esportiva. Não sou bom em ping-pong, nem em bocha ou futebol de botão.

Desvio as mágoas esportistas para pensar no trabalho que minha filha teve ao me ensinar a lidar com a caixa do correio eletrônico. Isso foi quanto ela tinha perto dos dez anos e era uma criança amorosa. Agora, já adolescente, só sei que ela não é muda porque a escuto falar ao telefone. Comigo ela apenas rosna. Em seguida, reflito sobre a vida dos alissens e penso que alguma coisa não está bem encaixada. Como alguém pode sobreviver se alimentando apenas de água potável e energia solar? Que terrível! Como se a vida já não fosse dura o suficiente, alguém vai lá e renuncia a um dos maiores prazeres: comer.

A história não está bem contada, porém, por sorte, não sinto a mínima vontade de me aprofundar no assunto ou investigar qualquer coisa adicional. Fico com calafrios de me imaginar experimentando a dieta alissem, se é que alguém pode chamar isso de dieta.

Com as atividades profissionais findadas, que não me exigiram muito mais do que duas horas e quarenta e sete minutos de trabalho, resolvo relaxar. Acendo a luz do abajur e coloco o vinil Passarim do Tom Jobim na vitrola. Vou desfrutando dos acordes sublimes do maestro que acompanham sua voz suave. Não é aquele clássico vozeirão, mas tudo bem. A bossa nova, com suas transformações vocais, possibilitou que vários compositores passassem também ao papel de intérpretes de suas próprias obras. Um estilo musical leve e democrático, que parece simples, mas que tem a complexidade de acordes semelhante ao jazz. Sirvo uma porção de pistache e vou rompendo as cascas enquanto me delicio com as canções Passarim, Bebel, Borzeguin e Looks Like December. Quando toca a canção Isabella, a minha favorita do



álbum, chega a Clara Bella, minha filha. Abaixo um pouco o volume e faço meu papel de pai.

– Oi filha. Tudo bem?

Ela não responde.

– Se quiser jantar, tem pizza na geladeira.

Escuto um leve grunhido. Tudo normal.

Retorno o volume original e aprecio os últimos acordes de Isabella, música composta pelo Paulo Jobim, filho do Tom, com o letrista americano Gil Goldstein. Nunca falo isso em público, mas acho que a bossa nova fica ainda mais interessante com as letras em inglês. O resultado do gingado do samba com a elegância do idioma estrangeiro produz um resultado singular e ousado, delicioso de se ouvir. Comentei sobre o fato somente com o homem que se chama Garça, que me liga eventualmente para debatermos sobre música. Ele não concorda, afirma que se perde brasilidade – o principal ingrediente da bossa nova. Porém, educadamente, respeita minha opinião. São ótimas e edificantes as conversas com o Garça.

Isabella vai finalizando e me faz lembrar de Clara Bella, minha doce filha, que se tornou uma típica adolescente com todos os clichês nos seus devidos lugares. A separação com a mãe, apesar de amigável, imagino que tenha amplificado as características dos que passam por essa intrigante fase: revolta, presunção e espinhas.

Com minha ex-esposa, a Madalena, decidimos fazer a “guarda compartilhada” da menina. Basicamente, ela tem a chave dos dois apartamentos, um quarto em cada um e aparece quando bem entende. Já pedimos para ela avisar previamente, mas é um esforço inútil. A rotina funciona mais ou menos assim: ela vem aqui em casa quando está cansada da mãe e vice-versa. Clara Bella



entra no apartamento, vai direto pro quarto e evita ao máximo se comunicar com a minha pessoa. Às vezes, esbarro com ela na cozinha quando vai buscar alguma coisa na geladeira. Se faço uma pergunta, as respostas são monossilábicas ou pequenos grunhidos. Olhares retorcidos de reprovação completam o pacote.

A última vez que me lembro ter escutado uma frase mais completa, foi quando ela apareceu em casa com um sujeito magro, de cabelo pintado de amarelo e com os braços tatuados. O rapaz tinha um olhar perdido e vestia uma camiseta preta com as mangas cortadas. “Esse é o Tato, ele é D.J.” – foram suas palavras. Desde esse dia, também sou obrigado a conviver com o namorado da minha filha, que ocasionalmente aparece aqui em casa e segue a mesma linha de comportamento dela. No dia em que Tato tentou ser um pingo mais simpático e fez um comentário sobre a temperatura da cerveja, ele foi fuzilado pelo olhar de Clara Bella. O homem acabou recuando. No fundo, acho que tenho simpatia por ele, mesmo o rapazote não tendo a menor cerimônia para tomar as minhas Heinekens.

Madalena e eu nos divorciamos há dois anos, após dezessete anos de casamento. Os quatro primeiros anos foram maravilhosos, mas nossa convivência foi piorando gradualmente a cada réveillon. Não aconteceu nada específico, apenas a velha rotina desempenhando seu papel maligno. A maneira desleixada como ela amassava a pasta de dente. Meu hábito de comer pistaches que podia deixar alguma casca perdida pela casa. Nossos gostos musicais incompatíveis. A rotina noturna dela de acordar sete vezes de madrugada para urinar. Meu ronco que atrapalhava seus poucos minutos de sono. As críticas dela à minha falta de ambição profissional, ou meus julgamentos quando ela escutava música sertaneja.



No final, éramos duas pessoas que dividiam uma casa, mas que não tinham mais nada em comum além de uma filha. Poderíamos ter terminado o martírio muito antes, porém, além da preguiça natural de tomar uma atitude, havia a preocupação com a Clara Bella. Quando a menina fez quinze anos – decidimos, aliviados, que era hora.

A vida seguiu em frente, mais tranquila para ambas as partes. Eu fiquei com o apartamento da Lagoa, onde continuo morando, e com minha velha vespa azul. Já, Madalena, ficou com todo o dinheiro que havíamos guardado ao longo dos anos. Escolha dela. A única coisa que continuamos dividindo é uma pequena loja de artigos esportivos para tenistas, que fica dentro do Lagoa Iate Clube, o LIC. Apesar de eu detestar tênis, Madalena praticamente me obrigou a ser sócio da loja. Ela nunca disse com todas as letras, mas era óbvio que minha profissão de escritor fantasma não era o suficiente. Além, é claro, da minha falta de ambição.

Minha ex não demorou muito para voltar a se casar, notícia que me chegou com muita alegria, pois deixei de ser um dos principais focos de sua ira. Casou-se com um homem cinco anos mais velho do que eu chamado Ernesto Pinto, um bem-sucedido empreendedor, sócio majoritário de uma fábrica de cerâmicas que exporta para mais de vinte países. Nos conhecemos um dia na loja de tênis, e nossa conexão foi imediata. O sujeito me caiu bem. Eventualmente, Ernesto me liga para desabafar sobre o casamento com Madalena. Afinal, quem mais conhecedor da causa do que eu? Dentre tantas coisas, compartilhamos da indignação sobre a maneira como ela espreme a pasta de dente bem no meio. Nunca de baixo para cima, sempre no meio, sem a menor empatia com aqueles que podem ter um leve grau de TOC.

Absorto em pensamentos aleatórios, tomo um susto ao escutar um barulho estridente vindo da cozinha!



# 2.

## O HOMEM PISOU EM CAMPO MINADO SEM SABER

Absorto em pensamentos aleatórios, tomo um susto ao escutar um barulho estridente vindo da cozinha!

Com passos apressados, encontro o Tato com uma cara de culpado encarando os cacos estilhaçados de uma das minhas Heinekens no chão. Heineken é sempre melhor em garrafa, mas penso que talvez deva considerar comprar em latas da próxima vez.

– Desculpe, Seu Aranha.

– Não foi nada – respondo ao rapaz. – Deixa que eu junto os cacos.

Tato abre a geladeira, pega outra cerveja e se dirige para o quarto da minha filha sem nenhuma cerimônia. Não escuto nem um mísero “tchau”. Enquanto junto os vidros com a vassoura, reflito sobre o meu nome: Alfredo Aranha. O sobrenome pouco usual acabou por furtar o protagonismo do nome e, desde sempre, sou conhecido por Aranha. Com o passar do tempo, sobretudo quando passei dos quarenta, o prefixo “Seu” se incorporou de maneira definitiva a como sou conhecido: Seu Aranha. Diria que até a minha filha me chamaria assim, se ela falasse comigo.



Aos quarenta e quatro anos sou um sujeito comum. Nem alto, nem baixo. Nem magro, nem gordo. Nem bonito, nem feio. Um homem comumente confundido com outros, vide minha normalidade. Todo mundo tem um primo de segundo grau ou um conhecido que parece comigo. O típico fenótipo comum, já que, como eu, existem milhões assim no Brasil. Se misturassem os genes de todos os brasileiros, provavelmente nasceria alguém com a minha aparência.

Tenho cabelos grisalhos assumindo as laterais da cabeça bem acima das orelhas e a minha sobrancelha é apenas um ponto mais grossa que a média. Minha barba é rala, meus olhos castanhos e meu nariz sem graça. A única coisa que me confere certo destaque é o meu sobrenome. Tirando o Oswaldo Aranha e o Homem Aranha, são poucos os outros Aranhas conhecidos no mundo. Não que eu seja famoso, mas tenho a sensação de que meu sobrenome tem um carimbo forte, difícil de ser removido. Se por um lado minha aparência passa despercebida, dificilmente as pessoas se esquecem de como sou chamado, o que fez com que eu aprendesse a gostar do meu sobrenome aracnídeo.

Termino a limpeza e abro uma Heineken antes que o Tato finalize o meu estoque. Coloco arroz para cozinhar e tempero dois peitos de frango com sal, limão e páprica picante. Separo os ramos dos brócolis e os coloco no forno com azeite e sal. O telefone toca. Imagino que deva ser o homem chamado Garça querendo discutir algum tema sobre bossa nova.

Atendo a ligação e escudo um gemido.

– Ãããããããnnnnn.

Definitivamente não é o homem chamado Garça. Fico um pouco constrangido, sem saber como responder.

– Ããããããnnnnn, ohnnnnn – a voz prossegue.



– Posso ajudar em algo? – pergunto com as bochechas rosadas e em voz baixa.

– Aãõõõhnnn, isso, fala mais.

– Falar mais? Está tudo bem por aí? – é claro que está tudo ótimo por ali. Me arrependo da pergunta idiota.

– Ohnnnnn amor, tá sim. Ainnnn, aõõõhnn.

– Desculpa a pergunta indiscreta, mas com quem eu estou falando?

– Ainnnn, isso, devagar.

– Como é o seu nome?

A ligação é cortada.

Me sinto estúpido. Olho para o lado para ver se minha filha ou o namorado presenciaram essa cena constrangedora. Por sorte, não. Imagino ter sido vítima de um trote. É óbvio que foi um trote, ainda mais porque eu deixo de ser um dos últimos seres humanos do planeta sem telefone móvel – uma vítima perfeita para trotes. Sou a resistência ao avanço tecnológico! Se pudesse, marcaria o tempo com uma ampulheta. Sou assim desde a TV, sempre optando por ler ou escutar música ao invés de receber o conteúdo pronto vindo da tela, onde tudo já vem mastigado dispensando o uso da imaginação. O telefone toca novamente. Tiro do gancho já constrangido com os gemidos que virão.

– Seu Aranha, tudo bem? Ernesto Pinto.

Ufa – suspiro.

– Tudo bem? Liguei em um momento oportuno?

– Oi, Ernesto. Claro. Por aqui tudo bem. O de sempre. E contigo?





– Tudo bem sim, na medida do possível. Queria te fazer uma pergunta um pouco embaraçosa.

– Não se acanhe. Sou todo ouvidos – respondo, curioso pelo que vem.

– Humm. OK. Obrigado. Vamos a pergunta: é normal a Madalena ficar sem falar com o marido durante uns três dias quando ela fica chateada?

– Três dias? Completamente normal. O que você fez?

– Para ser honesto, não tenho certeza. Pode ter sido meu comentário sobre o novo corte de cabelo dela.

– Inapropriado?

– Levemente inapropriado, diria. Bom, ela sempre reclama que eu nunca reparo quando ela corta o cabelo, e que nunca digo nada. Dessa vez, não só reparei, como comentei.

– E qual foi o comentário?

– Na verdade, foi mais uma piada do que comentário. Dessas inofensivas, sabe?

– Inofensivas? Qual delas? – perguntei já sentindo pena do Ernesto. Uma piada sobre o cabelo da Madalena. Onde ele estava com a cabeça? Será que não percebeu ainda que o cabelo dela é uma parte sensível? O homem pisou em campo minado sem saber.

– Perguntei onde estava o revólver, já que o cabelo estava armado.

– Entendo. É... – faço uma pausa pois fico um pouco sem jeito pela piada idiota. – Três dias, quatro dias, uma ou duas semanas no máximo. Daqui a pouco passa e ela volta a falar contigo.



– Duas semanas? Alguma recomendação?

– Sim, flores. Girassóis, as preferidas dela. Compre um buquê e escreva um cartão se desculpando. Isso deve dar uma amenizada. Sem piadas ou desculpas complexas no cartão, para evitar que se complique ainda mais.

– Você é um sábio, Seu Aranha. Sabia que você era a pessoa certa para me ajudar. Obrigado.

– Disponha. Estou aqui pra isso.

Com a sensação de dever cumprido, preparo o frango na frigideira com manteiga. Finalizo o arroz, tiro os brócolis do forno e saboreio a refeição simples acompanhada da última Heineken gelada. Coloco o lado B do vinil Chega de Saudade, o álbum de estreia do João Gilberto e durmo ao som da primeira música: Desafinado. “Se você disser que eu desafino amor”.



Acordo bem-disposto com uma sensação de felicidade, coisa rara, uma vez que o bom humor matinal nunca foi muito meu amigo. Preparo uma omelete enquanto relembro da conversa com o Ernesto. Fico aliviado com a situação que se desenhou, onde eu saí do papel de marido infeliz para uma posição de conselheiro do atual marido da minha ex-esposa. Tento cumprir a função que me cabe da melhor maneira possível, já que, além de eu gostar genuinamente do Ernesto, preciso manter a Madalena casada para que eu continue fora do foco de sua atenção. Assim a vida fica mais leve e posso escutar o canto dos pássaros com menos preocupações.



Derramo um fio generoso de azeite sobre a omelete e o desfruto com uma xícara de café bem quente. Corto uma maça em pedaços e vou saboreando enquanto olho a vista da figueira que abriga pássaros e micos. O dia está aberto, de céu azul, sem nuvens no céu. Por trás da figueira vejo um pedacinho da Lagoa da Conceição e lembro do trecho final do poema de Zininho, o “Rancho do Amor à Ilha”, que diz: “tua lagoa formosa, ternura de rosa, poema ao luar, cristal onde a lua vaidosa, sestrosa, dengosa, vem se espelhar”.

Penso novamente em Ernesto. Coitado, está em maus lençóis. Em seguida, relembro o trote que recebi da mulher gemendo. Sinto que algo esquisito paira no ar, como uma nuvem misteriosa que se condensou de um elemento que não água, com suas partículas que se agitaram num movimento inconsciente formando algo misterioso. Em breve pode ser que chova algo diferente. Me faz lembrar de um livro que li onde peixes caíram do céu. Eram Cavalinhas, se não me engano. Porém, por enquanto, o céu está límpido e o tempo propício para uma volta de vespa.

Sou o feliz proprietário de uma vespa M4 1963 azul, a única herança do meu pai. A moto está inteira e bem conservada, e já recebi algumas propostas indecentes por ela, mas não tenho a menor intenção de vendê-la. A moto foi batizada pelo meu pai de Georgina, em homenagem a uma de suas tantas namoradas, imagino que italiana. Às vezes lamento não ter herdado a beleza do meu pai, com seu rosto quadrado, olhos claros e bigode farto – um colírio para as mulheres da época. Acredito que a vida teria sido mais fácil se eu também fosse assim. Contudo, não posso reclamar do que tenho, e me dou por satisfeito por ter herdado a Georgina. Com ela, percorro um pequeno trecho até o LIC, onde fica a loja de tênis compartilhada com a Madalena. A loja e a Clara



Bella são os nossos vínculos, além do Ernesto, que vem se tornando cada vez mais um bom amigo.

Entro no clube e dou o meu número de sócio para uma senhora não muito simpática e responsável por abrir e fechar a cancela. Após dez anos frequentando o mesmo clube, não entendo o motivo de eu só conseguir entrar falando o meu número de matrícula. Será que já não me reconhecem após tanto tempo? Não são tantas pessoas que circulam em uma vespa clássica azul celeste.

Estaciono a Georgina e vou caminhando em direção a loja para cumprir a mesma rotina. Primeiro o Tripé, o cachorro do Boca, começa a latir. Boca é o único funcionário da loja, que sai do balcão e caminha lentamente até a porta para fazer o Tripé parar de latir. Pude observar que o cachorro não late para nenhum cliente, apenas para mim. Com o cão mais tranquilo, entro na loja e pergunto como estão as coisas.

O Boca foi contratado pela Madalena, por indicação de uma prima dela. Ele tem uma boca grande e arroxeadada, impossível de passar despercebida. No dia que o entrevistei (apenas por formalidade, pois Madalena já o tinha aprovado), ele mesmo se apresentou como Boca, e confesso que até hoje não descobri o seu nome. Como toda a parte documental fica com minha ex-mulher, não lembro de ter tido acesso ao nome dele em algum documento, tampouco nunca perguntei.

Ele é prolixo e de uma fala sem pontuação, o que torna nossas conversas bem monótonas. Além disso, as vendas nunca vão bem, e ele dá uma volta grande para responder que as coisas vão mal. Se a decisão fosse minha, provavelmente ele não teria sido contratado. Acho difícil um vendedor prolixo ter sucesso nas vendas, mas essa era uma das guerras com Madalena que resolvi não me alistar.



O cachorro de três pernas, o Tripé, foi uma surpresa. Ele não apareceu no dia da entrevista, porém, depois que Boca foi contratado, ele acompanha o dono diariamente. Me incomoda um pouco o fato de ele latir somente para mim, mas procuro relevar, sobretudo por dó do animal com uma perna a menos.

Já com um desgaste antecipado, cumpro a formalidade de perguntar como estão as vendas da semana.

– Sabe como é Seu Aranha o mundo do tênis não está em alta se tivéssemos artigos de futebol por exemplo poderíamos ter melhores vendas mas a coisa está caminhando aos poucos nem boas nem tão ruim assim na medida do possível estou fazendo o melhor pela loja essa semana tivemos o pedido de uma raquete cancelada e outra devolvida mas pode deixar que os clientes foram bem atendidos e continuam felizes com nosso atendimento acredito que na semana que vem será melhor a boa notícia é que a nova marca de bolas que chegou foi bem elogiada e vendemos um tubo.

– Então, que dizer, que nessa semana vendemos um tubo de bolas?

– Sim vendemos um tubo de bolas e o cliente disse que ficou bem satisfeito e falou que vai recomendar para outros jogadores pois parece que a nova marca conserva melhor a bola que demora mais para se desgastar sem contar que ela quica muito bem segundo ele – finalizou Boca e colocou um sorriso na boca roxa satisfeito pela venda de um único tubo de três bolas de tênis. Tripé soltou um latido curto, aparentemente mostrando-se orgulhoso pela conquista do dono.

Agradeço as informações e resolvo não ficar muito tempo, para evitar aumentar meu desgaste. Saio da loja, escuto mais um latido do cão e subo na Georgina. Piloto a vespa de volta para casa enquanto vou pensando no que preparar para o almoço. Na



metade do caminho sinto uma vontade grande de comer peixe, então faço um desvio e dirijo até a peixaria para adquirir uma Tainha. Como nunca sei se a Clara Bella e o Tato vão almoçar em casa, resolvo levar uma grande.

– Essa aqui tá boa, Seu Aranha. Chegou agorinha – diz o peixeiro que me atende há uma década e que também não faço ideia do seu nome. Gosto do fato de ele me tratar pelo nome, mas como já se passaram muitos anos, fico sem graça em perguntar o dele.

Dirijo a moto com a sacola da tainha pendurada no guidão. Vou olhando para o céu descoberto e reparo que apareceu uma única nuvem, de um cinza meio acobreado. Uma nuvem de tamanho entre pequena e média, que surgiu despreziosamente, sem dar qualquer explicação. Seu formato é comum, assim como o meu, e garanto que ela passaria despercebida para olhares menos atentos. Seria a nuvem que eu pressenti antes de sair de casa? Pode ser que em algum momento chova um novo elemento. Fico com uma sensação estranha, com um aperto no peito, apesar de o dia estar perfeitamente normal e rotineiro.

Chego em casa e afio a faca para limpar o peixe. Gosto sempre de comprar o peixe inteiro, já que meu prazer em limpá-lo é quase tão grande quanto de comê-lo. Separo sal, pimenta do reino, alho, salsinha, cebolinha e coentro. Abro a geladeira e quando me dou conta de que o estoque de Heinekens acabou, escuto o telefone tocar. Lavo as mãos rapidamente para atender a ligação e seguro o telefone com as mãos ainda úmidas.

– Ãããããiiiiinnnn, ohnnnnnnnnmmm.

Novamente a mulher do gemido. O que ela quer comigo?



# 3.

## NADA MUITO SENSUAL, PORÉM BASTANTE CONFORTÁVEL

**Novamente a mulher do gemido. O que ela quer comigo?**

- Ãããããiiinnnn, ohnnnn.
- Bom, desculpe por quebrar um pouco o clima – suspiro.
- Você tem certeza de que ligou para a pessoa certa?
- Ãããmmm, simmm. O que você veste?
- Eu?
- Ahããnnmm.
- Calça jeans e uma camiseta desbotada com o desenho de um saxofone. Sax tenor.
- Tenor? ãinnnnnn... Sexy! E como é a sua cueca?
- Não vou falar sobre minha roupa íntima.
- Ohnnnn, fala amor. Fala baixinhooo.
- Nem pensar.
- Ããããnnnn, por favor, vai? Só pra mim. Õõõuunnn.
- OK. Vamos combinar assim: eu falo sobre a minha cueca e você me fala o seu nome, combinado?
- Ahããããnnn.



Abro o zíper da calça para lembrar da cueca que estava usando.

– É uma samba-canção xadrez em tons de azul e verde com as linhas que formam os quadriculados em branco. Como você vê, nada muito sensual, porém bastante confortável. Agora a sua parte. Qual é o seu nome?

Escuto o barulho do telefone no gancho. Parece que a mulher não é boa de cumprir acordos, ou não gostou da minha cueca que prioriza o conforto. Refletindo sobre os motivos do trote, escuto o telefone tocar novamente. Atendo na esperança de descobrir pelo menos o seu nome.

– O que você sente quando escuta Águas de Marçó?

Meu cérebro entrou num breve curto-circuito, com faíscas e estalos. Não estava esperando que fosse o homem chamado Garça.

– O quê? – repondo, pego de calças curtas.

– Águas de Marçó. Tom Jobim. É pau, é pedra, é o fim do caminho. A música que o maestro escreveu durante a construção de sua casa em Poço Fundo. Tenho certeza que você conhece. Quero saber quais sensações te trazem quando você escuta esta canção.

– Assim, de supetão, é difícil de dizer – respondo com dificuldades de virar a chave da conversa erótica para os sentimentos causados pela música do Tom.

– Quando se fala no impulso, a sinceridade é maior. Pode se soltar, deixe as águas de marçó entrarem em você e me conte como se sente.

Respiro, fecho os olhos, cantarolo os primeiros versos e reflito que essa é a típica conversa com o homem chamado Garça.





Perguntas aleatórias vindas de não se sabe onde e desprovidas de qualquer preliminar – sem uma única taça de vinho. Foi assim desde a primeira vez que ele me ligou. Me concentro e, acatando a sugestão, respondo deixando as águas de me levarem.

– De imediato, sinto um pouco de melancolia, devido ao fim do caminho. Um toco sozinho me passa um quê de solidão. Com o avançar da música, sou tomado por um sentimento bucólico de uma natureza que permeia a construção de uma casa. Uma ave no chão, um fundo do poço, uma rã, o tijolo chegando. A complexidade dos acordes vai me conduzindo para um estado onde misturo consternação com um pouco de ansiedade. Posso sentir a agonia do Tom pela casa que não fica pronta nunca, e me recordo do desgaste imenso sofrido pela única vez que reformei o banheiro e a cozinha do apartamento. Por pressão da Madalena, é claro. Obra nunca mais.

– Hummm... entendo.

– Só isso? Não me saí bem na resposta?

– Sim. Não foi tão mal. E sobre o final da música? Nenhum comentário? Nenhum sentimento diferente?

Faço uma pausa e um esforço para me lembrar dos últimos trechos.

– Não, nenhum sentimento diferente. A mesma composição de bucolismo com angústia.

– Interessante.

– E por que seria interessante?

– Pois claramente a música finaliza com uma mensagem de renovação: “são as águas de março fechando o verão, é a promessa de vida no teu coração”. O maestro usa as chuvas do fim do verão como uma analogia à renovação da vida. Você não



é nem um pouco capaz de sentir essa promessa de vida no teu coração?

– Não tinha parado para refletir muito bem sobre isso. Agora, com você falando, pode ser que eu sinta um pouco.

– A propósito, você saberia me dizer o que é a tal festa da cumeeira a qual se refere o maestro?

– Não faço a mínima ideia, mas aposto que você sabe.

– É uma festa que se oferece aos funcionários de uma obra quando se dá a conclusão do telhado. A praxe é se oferecer chope e churrasco.

– Interessante. Imagino quão divertida deve ter sido a festa da cumeeira oferecida pelo Tom Jobim. Chuva chovendo, pedra de atiradeira, garrafa de cana e conversa ribeira. De fato, imagino que ele estava agoniado para promover a tal festa. E você? Como você se sente ao ouvir Águas de Março?

– Parecido contigo, somente um pouco mais esperançoso ao final. Preciso desligar.

E assim foi interrompido bruscamente mais um dos meus diálogos de hoje. Tudo bem. Termino de limpar a tainha e capricho nos temperos. Em seguida, pré-aqueço o forno e adiciono batatas na panela com água fervente. Retiro as batatas, dou pequenos murros e as adiciono numa travessa de vidro com sal grosso e alecrim. O peixe vai ao forno por cima da cama de batatas. Pela falta de heinekens, sou obrigado a abrir uma garrafa de vinho branco para acompanhar a refeição. Um sauvignon blanc da serra gaúcha, fresco e mineral. Finalizo o almoço e guardo o que sobrou na geladeira para caso Clara Bella e Tato resolvam sair do quarto.

Deixo um bilhete na cozinha dizendo que a tainha está ótima e que vou sair para cortar o cabelo. Reflito que ao invés de



dar satisfação, na verdade, eu é que deveria recebê-las. Refaço o bilhete dizendo somente que a tainha está ótima.

Cortar o cabelo para mim sempre foi uma tarefa difícil, quase tão ruim quanto uma incursão ao dentista. Detesto inovar ou fazer qualquer corte da moda sugerido pelo barbeiro. Não foram poucas as vezes que saí da barbearia me sentindo ridículo e achando que as pessoas estavam rindo do meu corte pretensioso, mesmo que por dentro. Um fenótipo normal, com o cabelo com redemoinhos, com a sobrançelha levemente grossa, não deveria usar um corte despojado. Quando passam gel ou pomada ao final sem me consultar, sinto como se uma faca afiada penetrasse rasgando o meu rim direito. Se eu tivesse um boné, provavelmente o usaria para sair do barbeiro, mas fico ridículo com qualquer tipo de chapéu, além de achar que poderia ser ofensivo. Sempre fiz o possível para não ofender ninguém. Quem me conhece fala que é tudo coisa da minha cabeça, e concordo que pode até ser. Porém, mesmo assim, a ida ao barbeiro é uma tarefa dura para mim.

Na verdade, era uma tarefa dura. Tudo mudou quando eu conheci a Bárbara, que muito insistiu para que eu a chamasse de Babi.

Babi se tornou uma das minhas pessoas preferidas no mundo. Foi ela que resolveu um dos grandes traumas da minha vida, convertendo-o, inclusive, em um momento prazeroso e de relaxamento. A mulher das mãos de anjo tem cortado o meu cabelo nos últimos ano e meio. Ela não inova, faz o que eu peço, e tem uma habilidade ímpar de me deixar sem aquela cara estranha de alguém recém-saído da barbearia. Cera, gel ou pomada? Nunca, jamais. E o bom é que ela já nem me pergunta mais “o que vai ser?”. Por último e não menos importante, devo assumir que ela é linda. Não é dessas belezas clichês onde todos vão concordar que uma pessoa é bonita, mas, para mim, que admito ter um gosto



exótico, ela é linda. Uma vez por mês, lá perto do dia quinze, é o dia B, dia do meu encontro com a Babi.

Animado, vou com a Georgina até os Mentores da Barba, o nome de gosto duvidoso onde trabalha a fada dos pelos, a sereia dos barbados. No local, sou recebido por um homem de cabelo grisalho e estiloso com uma barba esticada que vai até a altura do peito. Ele me oferece uma de três opções: café, água ou cerveja. Como não é Heineken, escolho o café e o tomo sem açúcar no balcão da recepção. Imagino que deve ser difícil para o homem comer sanduiches com molho ou espaguete à bolonhesa.

Com a amargor do café na boca, cumprimento a Babi com um olhar afável, e me sento num sofá de couro marrom para esperá-la terminar de atender um cliente. Ao meu lado tem uma mesa de sinuca com o tecido azul, o que me incomoda um pouco, uma vez que todos sabem que a cor deveria ser verde. Do outro lado, uma TV dessas grandes que fica passando vídeos de surf – o que não me interessa muito, apesar de admirar a coragem das pessoas que encaram águas geladas por livre vontade.

Dedico meus poucos minutos de espera a observar Babi. Ela tem as ancas largas, o cabelo crespo, farto e com mechas vermelhas. Se veste toda de preto, assim como os demais barbeiros e funcionários do estabelecimento. Babi é a única mulher do local e seus movimentos são fascinantes. Reparo que suas tesouradas despojadas fazem a coisa parecer simples e leve, tal qual a condução de um maestro experiente de alguma orquestra sinfônica. Ela deve ter quase a minha altura, possui um nariz largo com a ponta arrebitada e é bem reservada. Ou seja, linda de se ver. No momento, atende um jovem que parece ser surfista, com um cabelo castanho claro, comprido e repicado. O rapaz deixa o local com um corte impecável, que combina com sua personalidade, e que eu nunca teria.



Chega a minha vez. Me sento na cadeira e sou envolvido delicadamente por uma capa preta e por uma tira branca no pescoço. Babi pergunta se está confortável e eu aceno que sim com a cabeça. Sem perguntar “o de sempre?” e, com um sorriso discreto no rosto, começa pela parte de cima. Spray de água para umedecer o cabelo e o balé das tesouradas que mantém o meu corte comum o menos chamativo possível. Enquanto ela executa sua vocação, trocamos algumas palavras casuais, sobre, obviamente, o clima. “Vai chover, não vai chover” é um ótimo quebra-gelo para situações embaraçosas quando dois seres humanos que ocupam o mesmo ambiente se sentem compelidos por uma força oculta a conversarem sobre algo. Por que o silêncio incomoda tanto?

O cabelo não demora muito a ficar pronto e Babi sempre gasta mais tempo na barba. Não sei por que ela dedica tanto tempo a uma barba rala, mas é nessa hora que eu relaxo e aprecio a passagem do tempo.

A cadeira é inclinada para uma posição horizontal e eu escorrego as costas até chegar na posição ideal. Ela esquenta as toalhas, coloca uma máscara no meu rosto, e passa um líquido oleoso explicando sua função de preparação para a abertura dos poros. Me sinto bem tratado e sinto um cheiro cítrico de gengibre, mas posso estar enganado.

Agora já não vejo nada, e deixo meus outros sentidos guiarem a minha conduta. Babi remove o líquido com um papel e coloca duas toalhas quentes: uma sobre o meu pescoço e a outra envolvendo o rosto. Sem dúvida a minha parte favorita do processo. Só não consigo relaxar por completo, pois sei bem o que vem a seguir. Primeiro ela remove as toalhas e começa a espalhar o creme de barbear com um pincel. Fico tenso, pois agora é a hora de confiar a minha vida às mãos desta mulher chamada Barbara. Uma lâmina afiada é apontada no meu pescoço. Não me mate,



Barbara – suplica minha voz interior. Me sinto vulnerável como um recém-nascido. Se ela quiser me passar para o outro lado, para o grande mistério da vida, o esforço é mínimo. Começo a pensar em Sweeney Todd, o barbeiro demoníaco da rua Fleet que executava seus clientes durante o mesmo processo ao qual estou submetido. Sempre me lembro do Sweeney Todd nesses momentos, mas a Babi é um anjo com as mãos de fada. Nada vai acontecer.

A parte do pescoço está concluída e sinto ela subir para o rosto. Alívio! Volto a relaxar. Enquanto ela desliza a lâmina com delicadeza pelos poucos pelos espalhados entre queixo, bochechas e bigode, penso na vontade que eventualmente sinto de convidá-la para sair. Gostaria de conhecê-la melhor, fora desse ambiente. Saber do que ela gosta de comer e qual o seu estilo de música. Qual será o seu filme favorito? Imagino também a temperatura do seu corpo: quente, generoso e sinuoso, com muitas nuances a serem exploradas. Queria poder sentir mais de perto o cheiro do seu cabelo e saber se ela tem alguma tatuagem escondida. Alguma borboleta delicada, ou, quem sabe, uma serpente. Reparei que ela não tem nenhum anel de compromisso e tampouco nunca mencionou ninguém, mas o fato de eu ser pelo menos dez anos mais velho, me intimida, me fazendo recuar.

– Qual o seu filme preferido? – ela me pergunta, como se estivesse lendo minha mente. Me sinto pego de surpresa, o que tem acontecido com relativa frequência ultimamente.

– Favorito? Tenho alguns, difícil eu escolher um favorito. Gosto muito dos do Woody Allen. Meia-Noite em Paris, Match Point, Todos Dizem Eu Te Amo, são algum deles. E você? Algum filme especial?

– Sou fã de terror e suspense. Gosto de todos do Hitchcock.



Não é meu gênero preferido, mas devo respeitar a escolha do brilhante diretor britânico.

– Você gosta de terror? – ela prossegue.

– Adoro! – respondo sem acreditar no que estou falando.

– Então, o meu preferido dele é Janela Indiscreta. Inclusive eu tenho um apego grande a uma fita de VHS que ganhei da minha mãe, mas não tenho mais o aparelho e não conheço ninguém que tenha.

– Eu tenho – respondo com mais uma mentira. Por que diabos eu estou fazendo isso? – Se você quiser ver um dia lá em casa, será um prazer – respondo e começo a suar frio no pescoço. Será que ela reparou o suor? De onde eu tirei coragem para fazer esse convite idiota?

– Jura? Seria ótimo. Que tal amanhã à noite? Saio daqui às seis e poderia te encontrar perto das oito.

– Perfeito, amanhã as oito seria ótimo – falo sentindo as gotas escorrerem pela testa.

Enquanto ela finaliza o serviço espalhando um creme pós-barba mentolado, vou me acalmando. Pareceu fácil demais. Se eu soubesse que teria sido fácil assim, poderia ter feito o convite pelo menos seis meses antes. Vou sentindo a mulher das mãos de fada finalizar o tratamento impecável, ao mesmo tempo que vou elucubrando sobre o fato de eu ter um dia e meio para conseguir um aparelho de vídeo cassete. Por onde devo começar?



# 4.

## UMA ESPÉCIE DE HOBBY MACABRO

### Por onde devo começar?

Saio do barbeiro pilotando a Georgina e me sentindo gigante, como se tivesse crescido uns vinte centímetros de altura. Parece que tomei um biotônico sabor autoestima. Uma pena o capacete esconder o meu novo corte de cabelo, tão normal que parece o mesmo cabelo de sempre, como se nunca houvesse sido cortado. O rosto, livre dos pelos esparsos e sentindo o vento entrar pujante por debaixo da viseira, faz-me pensar que uma pequena atitude ousada pode mudar o destino de um homem. Uma vez li em uma placa de caminhão a frase “Deus premia a ousadia” e em seguida vinha o complemento, algo como “árvore que não dá frutos vira lenha”, ou qualquer outra baboseira nessa direção.

Decido que hoje, pelo menos hoje, não vou virar lenha. E que amanhã também não. Aproveito a resolução para fazer uma tarefa imprescindível: renovar meu estoque de Heinekens.

Chego em casa e vejo dois pratos com os restos mortais da tainha. Nem se deram ao trabalho de colocar a louça na pia. Vou até o quarto da Clara Bella ensaiando uma lição de moral. Caminho um tanto receoso, mas não os vejo em casa. Devem estar na Madalena. Menos mal, assim posso arquivar a lição no meu inventário mental, junto a tantas outras que ainda não foram





utilizadas (e que provavelmente não serão). Coloco as cervejas na geladeira e, enquanto não gelam, me sirvo de uma taça do sauvignon blanc. Percebo que só tem meia dose, o que me leva a deduzir que o Tato e a minha filha deram cabo do restante. Paciência.

Aproveito que estou só para escolher o LP Dez anos depois da Nara Leão, e vou me entretendo com Insensatez, Samba de uma nota só e Retrato em branco e preto. “Já conheço os passos dessa estrada sei que não vai dar em nada...” Se soubesse dançar, provavelmente estaria arriscando alguns passinhos. Finalizo a dose espartana do vinho e pondero sobre a melhor estratégia para conseguir arrumar um aparelho de VHS. Tenho a sensação de que o Ernesto poderia me ajudar, porém tenho muito receio de ligar para sua residência. Só de imaginar a Madalena atendendo a ligação, já sinto calafrios. É sempre ele que me liga. Resolvo que vou ligar e, se por acaso ela atender, simplesmente desligo. Infantil assim mesmo.

Disco o número e espero sete toques até uma voz masculina atender.

– Ernesto?

– Aqui é o Tato. O Ernesto não está. Posso anotar o recado?

Tato? Imaginei que eles pudessem estar por lá, mas nunca imaginei o DJ como um rapaz gentil o suficiente para atender telefonemas e, ainda por cima, anotar recados. Será que ele também faz isso aqui em casa? Desconfio que não, pois nunca recebi um bilhete sequer. Pode ser que ele apenas finja anotar para depois deixar os outros sem recado, como uma espécie de hobby macabro. Alguém que sente prazer interrompendo o fluxo de informações é, sem sombra de dúvidas, além de um sádico, um péssimo exemplo para a minha filha.



– Senhor? Vai querer deixar recado? – ele repete após meu breve silêncio, como se adiantasse alguma coisa eu deixar qualquer meia dúzia de palavras. Não vou dar esse gostinho para ele. Penso em perguntar se minha tainha harmonizou bem com o sauvignon blanc mineral, mas resolvo deixar pra lá. Apenas agradeço e desligo sem me identificar.

A musa da bossa nova vai cantando os clássicos Corcovado, Garota de Ipanema e Pois é, da parceria de Jobim com Buarque. A voz suave de Nara me remete a da Elisa, a dona de uma loja de pequenos consertos que conheci quando precisei consertar uma mala que usaria para uma breve viagem. A senhora de cinquenta anos foi muito cuidadosa no reparo do fecho-éclair. Ela também foi simpática ao comentar sobre uma camiseta que eu usava com o desenho de um piano de cauda estilizado. Eu tenho mesmo uma coleção de camisetas com desenhos de instrumentos musicais. Falou que adorava piano e que, desde que ficou viúva, o piano de sua casa nunca mais fora tocado. Depois me deu um cartão com o telefone da loja caso eu precisasse fazer qualquer reparo adicional.

No dia que eu liguei para solicitar uma ajuda com a limpeza do filtro do ar condicionado, ela mesma apareceu para o serviço. Surpreso, eu a convidei para entrar. Ela fez o trabalho com muito esmero. Depois conversamos, demos risada e ela derrubou o copo de água em sua camiseta branca. Uma coisa foi levando até a outra, até que a senhora Elisa foi parar na minha cama.

Foi minha primeira relação com outra mulher desde o divórcio, e a senhora levou tudo de uma maneira natural e amável. Ela sabia o que estava fazendo, uma mistura de experiência com tranquilidade. Nada de afobação. Parecia uma professora reeducando um adulto na arte do prazer. Devido a sua boa alimentação, ela possuía um corpo magro e firme, uma firmeza de uma mulher que se cuida bem. Elisa fazia yoga e me



sugeri uns exercícios de respiração, que, com o tempo, fui percebendo que me ajudavam a ter uma melhor performance sexual, inclusive postergando a ejaculação.

Nossos encontros tornaram-se regulares e acontecem uma vez por mês sempre na primeira semana. Uma exigência dela, que parece deixar transparecer não querer compromisso sério, imagino que pelo fato de apreciar em demasia sua liberdade. Às vezes, me pego pensando que ela provavelmente tem outros amantes para cada semana do mês. Porém, mesmo se a hipótese for verdadeira, não me importaria. Gosto de como as coisas se desenharam e da nossa cumplicidade que ocorre periodicamente na primeira semana do mês.

Cogito ligar para ela e perguntar se ela teria um aparelho de VHS para emprestar, mas não vou adiante. De alguma maneira poderia estar utilizando de sua bondade para uma investida em outra mulher, o que, por mais maluco que possa parecer, na minha cabeça configurou-se como um viés de traição. Reflito sobre alternativas. Lembro do Boca, mas rapidamente o descarto, já que sua jovialidade é incondizente com a de um potencial proprietário de um aparelho em desuso. Sem contar o desgaste de sua prosa desvirgulada, é claro. O homem chamado Garça também não é uma possibilidade, uma vez que nada sei sobre ele, além do nosso gosto musical em comum. O Ernesto certamente seria a melhor alternativa. Tomo coragem e ligo novamente. O telefone toca poucos toques e, dessa vez, atende a Madalena. Fico imóvel e tentando conter a respiração.

– Alfredo?

Desligo o telefone afobado. Como ela sabia que era eu? Por que eu não desliguei antes? Será que o telefone deles tem bina? Quem hoje em dia ainda usa bina no telefone fixo? A Madalena deve ser a única pessoa no mundo que me chama de Alfredo.



Agora é a vez do telefone aqui de casa tocar. Obviamente eu não atendo. Pelo toque insistente e afrontoso, dá pra saber que é a Madalena cobrando satisfação. Eu não fiz nada demais, só queria a ajuda do meu amigo Ernesto para conseguir um aparelho de videocassete, para assim seduzir minha barbeira. Eu fiz alguma coisa errada? Devo me sentir culpado? Fico tenso com o telefone tocando em tons de cobrança e resolvo sair de casa. Se pudesse, compraria passagens para o Canadá e começaria uma nova vida por lá.

Desço os três lances de casa apressado e monto na Georgina. Piloto meio sem rumo pelo canto da lagoa para esvaziar a cabeça. Resolvo aproveitar a jornada para passar em um ferro velho no Rio Tavares para ver se consigo o tal aparelho. O homem do ferro velho, uma mistura de eremita com surfista aposentado, com seus longos cabelos brancos e mão calejadas, me fala que não possui o dispositivo, mas que pode conseguir um para mim através de sua rede de contatos. Eu pergunto:

– Para quando você conseguiria o aparelho de VHS?

Ele olha para cima e mexe os lábios, como se estivesse fazendo contas complexas.

– Entre três e quatro dias – diz o eremita do surf, jogando a cabeleira para trás da orelha.

– Infelizmente não funciona. Preciso pra amanhã.

Ele volta a olhar para o céu e se dá um tempo intensificando sua matemática composta de derivadas e integrais.

– Consigo para amanhã na hora do almoço – diz e tira do bolso uma seda e um pacote de fumo. Enquanto enrola um cigarro de tabaco com uma habilidade descomunal, ele completa: – mas a entrega expressa vai aumentar o preço.

– Entendo. Aumenta em quanto?



Ele acende o cigarro com um fósforo, traga sem pressa e dá uma baforada pelo canto da boca, me remetendo ao cachimbo do marinheiro Popeye, mesmo que sem cachimbo.

– Em setenta e três por cento do valor final.

Me questiono de onde ele tirou números tão precisos, porém logo me recordo dos cálculos complexos.

– Em quanto ficaria o total, incluindo o aparelho e a entrega expressa?

– Entrega em qual endereço?

– No Canto da Lagoa, em frente ao Bar dos Avaianos.

O eremita dá mais uma longa tragada e responde.

– Trezentos e vinte e sete reais. Você pode me pagar tudo no momento da entrega em espécie, sacou? Só trabalho com dinheiro vivo.

Dinheiro vivo? Um sujeito à moda antiga merece minha admiração.

– Negócio fechado.

Anoto o meu endereço em um caderno, aperto a mão calejada do sujeito, e retomo a montaria da Georgina.

Saio pelas ruas do Rio Tavares até chegar ao Campeche. No momento, dirijo completamente sem rumo, apenas aproveitando o dia bonito, a boa sensação de ter conseguido o aparelho, e vivendo um pouco da ansiedade de receber a Babi amanhã perto das oito no meu apartamento. Passo pela Lagoa Pequena e vou me divertindo cruzando as servidões do bairro. Adoro reparar nas fachadas das casas e em seus estilos desprovidos de qualquer padronização. Casas simples de pescadores, casas quadradas de arquitetura moderna,



mediterrâneas, cabanas, e outras que misturam um pouco de tudo com um muito de nada. Gosto particularmente de portas e janelas, coloridas e cheias de estilo. Vejo uma porta e traço um paralelo com a personalidade dos moradores. Discretos ou expansivos? Cafonas ou elegantes? Depois imagino o que eles comem no café da manhã apreciando a vista da janela. Pão com ovo ou mamão papaia? Café com leite ou achocolatado?

Acelero a vespa até chegar na rua Pequeno Príncipe, e acabo me recordando da história que deu nome ao bairro. Dizem que, no passado, o bairro servia de campo de pouso para o famoso escritor e aviador francês Antoine de Saint-Exupéry. Devido a grande quantidade de pescadores, o aviador se referia ao local como “Camp de Pêche” – campo de pesca, em português. Muito simpático, o francês gostava de conversar com os locais, que ficavam impressionados não somente com seu avião, como também com seu modo exótico de falar. Camp de pêche, repetido pelos pescadores, virou “campeche”, e foi assim que eles passaram a se referir ao local que, depois, deu nome ao bairro. Outra explicação, mais científica, diz que o nome se deu devida a presença de um vegetal medicinal chamado pau-campeche. Os esclarecimentos científicos são sempre mais enfadonhos, o que me faz ficar com a definição lúdica que traz o escritor do Pequeno Príncipe. Essa sim me cativou.

Ainda sem rumo e aproveitando a energia dos raios solares, vou embalado com a Georgina sentido sul. Cruzo o Morro das Pedras apreciando a bonita vista do mar, onde um punhado de surfistas sentados em suas pranchas esperam a próxima onda perfeita. Avanço pela Lagoa do Peri, passo pela Praia da Armação e vou costeando a ilha pelas praias do Matadeiro, Lagoinha do Leste, Pântano do Sul e Praia dos Açores. A última parada é na Praia do Rio das Pacas, hoje mais conhecida como Praia da Solidão. Parece que as pacas já foram extintas do local. Qualquer



caminho mais ao sul do que isso, preciso deixar a moto e fazê-lo caminhando pelas trilhas. Na única trilha que fiz na minha vida, fui mordido por uma aranha na mão. Ironia do destino (e que não me gerou superpoderes).

Tiro o capacete e me sento na areia branca para admirar a vista do horizonte que se compõe em harmonia com o desague do rio e com o morro coberto de Mata Atlântica. Ao mesmo tempo que sou tomado por um sentimento de pertencimento e de conexão com a natureza, me sinto pequenino, como poeira estelar. Sou capaz de sentir a solidão, que é como se referem ao local, me arder nos poros. Lembro da minha filha e tento mandar as melhores energias para que ela cresça bem e se torne uma mulher confiante. Lamento um pouco o nosso momento atual, mas me forço a pensar que é somente uma fase. Penso na Madalena e rio dos momentos divertidos dos nossos primeiros anos juntos. Fico genuinamente feliz e aliviado por ela estar com alguém do bem, como o Ernesto. Penso na serenidade e na sabedoria da Elisa, em contraste com a jovialidade da Babi com suas mãos de fada. Sinto que ainda têm muito por acontecer e percebo uma dose de ansiedade dar as caras.

Respiro fundo, encho as mãos de areia fina e abro os dedos para que o vento as leve de volta. Repito o gesto algumas vezes até me dar por satisfeito.

Me levanto, sacudo as mãos, coloco o capacete, e conduzo a vespa azul celestial de volta para casa. Vou esvaziando os pensamentos concentrado somente no ronco esganiçado de seu motor velho. Estaciono a Georgina, subo três lances de escada e chego em casa esbaforido a tempo de atender o telefone que tocava insistente.

– Por acaso você já passou uma tarde em Itapuã?

Era o homem chamado Garça.



# 5.

## ENROLANDO OS PEQUENOS CACHOS DO CABELO COM O INDICADOR

**Era o homem chamado Garça.**

A conversa de ontem com o homem chamado Garça foi igual as de sempre, interessante para mim e para ele, como dois amigos que passam a tarde em Itapuã jogando conversa fora enquanto arranham um violão desprezioso. Qualquer outra pessoa que ouvisse a nossa prosa provavelmente acharia entediante, tal qual a leitura de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust. Duas mil e quinhentas páginas de tempo perdido, literalmente não recuperáveis.

Foi num domingo à noite que recebi sua primeira ligação. Lembro de estar com um cordeiro assando no forno, que iria ser degustado com geleia de hortelã, quando ele me ligou. Se apresentou como o homem chamado Garça e foi logo disparando perguntas aleatórias. Eram perguntas rápidas, das quais eu deveria escolher uma dentre duas opções. Jazz ou Bossa Nova? João Gilberto ou Chet Baker? Piano ou violão? A coisa começou básica e foi evoluindo para perguntas como Nana Caymmi ou Astrud Gilberto? Samba de uma nota só ou Wave? Acordes com nona ou acordes diminutos? Sem pensar muito, e sem questionar





a ligação inusual, eu respondia uma após a outra conforme meu coração mandava. Quando ele não se dava por satisfeito, pedia para eu justificar minha resposta. Ao final, como sempre, desligou de supetão.

Aproveitei para terminar de assar o cordeiro e finalizar o molho de hortelã. Lembro que foi uma das raras vezes em que vi Clara Bella elogiar minha comida, fazendo aquele barulho com a boca fechada e que sai da garganta de alguém que está mastigando algo muito bom. Meu coração aqueceu e tudo. Dois dias depois, numa terça-feira pela manhã, o homem chamado Garça voltou a me ligar.

Hoje é um dia interessante. Vou receber Babi mãos de fada na minha residência. Aproveitei a parte da manhã para fazer uma faxina completa, que incluiu passar o aspirador de pó no tapete e a limpeza os vidros. Havia tempo que não mergulhava tão profundo na limpeza do apartamento do terceiro andar do prédio Doble Encanto, um edifício simples, sem piscina ou salão de festas, mas com a vista deslumbrante para a Lagoa da Conceição.

Já na hora do almoço, começo a me sentir ansioso pela chegada do vídeo cassete, que será trazido pelas mãos do eremita do surf. Para passar o tempo, resolvo começar a preparar a refeição. Bato a massa de panqueca no liquidificador e coloco para descansar. Preparo a carne moída com azeite, sal, milho, cominho, e uma pitada de canela. Na sequência, despejo a massa da panqueca na frigideira em fogo baixo, uma por uma. A primeira sai meio esquisita, e acabo comendo a massa rota para não desperdiçar, mas vou pegando o jeito a partir da segunda. É



sempre assim. Com as panquecas prontas, adiciono o recheio, além de uma colherada generosa de creme de leite. Coloco todas elas numa assadeira de vidro, adiciono por cima tenras fatias de muçarela e levo ao forno.

Quando o cheiro bom começa a tomar conta do local, sinto meu coração dar uma acelerada imaginando a possibilidade de o surfista ter errado o dia. Ou dele não ter conseguido o aparelho de vídeo cassete. Abro uma Heineken e a sirvo em um copo de tulipa para relaxar. O interfone toca. Alívio, é o eremita. Autorizo sua entrada e dou instruções para ele subir até o apartamento. O homem demora mais do que o normal para chegar na porta do apartamento e eu já o recepciono com a porta aberta.

Ele chega tranquilo, como se não se preocupasse nem um pouco com a velocidade em que o mundo gira. Seus cabelos brancos estão presos em um rabo de cavalo, e ele usa uma camisa regata vermelha com o desenho do Che Guevara, uma bermuda jeans surrada e uma bota marrom de cano baixo. Nas mãos, carrega uma caixa de papelão com o meu precioso artefato dentro. O cumprimento e o ajuda com a caixa, deixando-a provisoriamente em cima do sofá. Agradeço e lhe entrego um envelope pardo que contém trezentos e trinta reais, três a mais do que o combinado.

– Pode ficar com o troco – digo enquanto ele confere as notas.

– Eu trouxe troco aqui – responde, tirando um chumaço de notas baixas amassadas.



– Não precisa mesmo, eu insisto.

– Tem certeza? Três reais podem mudar a vida de um homem.

Reflico um instante sobre a frase.

– Como assim três reais poderiam mudar a vida de um homem?

– Eu até te contaria essa história, mas ela é um pouco longa – o eremita faz uma pausa e coça a orelha. – Que cheiro bom é esse?

– São panquecas para o almoço. Devem estar prontas. Está servido? – pergunto por educação.

– Sim, ótimo. Aproveito e te conto a história.

O tal surfista eremita, sem cerimônias, entra porta adentro. Sem alternativas e arrependido tanto da pergunta idiota quanto do convite, o direciono para a mesa da cozinha. Ele se senta e aponta para a minha cerveja.

– Posso ganhar uma dessas?

Fico com mais raiva de mim e, mesmo contrariado, respondo que sim. Minha essência não permitiria outra reação. Pego outra tulipa e o sirvo com uma das minhas Heinekens bem geladas. Com uma luva, tiro as panquecas do forno, e preparo nossos pratos. Por sorte Clara Bella e Tato não estão em casa para almoçarem hoje, pois não seria suficiente para todos. Como não



tinha muito assunto com o homem que já estava atracado com as panquecas, resolvi retomar a conversa sobre os três reais.

– Então. Como é a mesmo a história dos três reais que podem mudar o destino de um homem?

– Pois então. Eu estava em uma viagem pelo nordeste do Brasil. Na praia da Pipa, surfando em uma de suas praias. Acho que era na Praia do Amor. Surfei o dia inteiro e saí do mar morto de fome. Passei em frente a uma padaria e, por sorte, tinha três reais no bolso. Ainda se usava nota de um real naquela época. As notas estavam molhadas, mas serviram para um pão na chapa com um café – disse o eremita que contava a história com a boca cheia de panqueca.

– Entendi. Interessante. Acabou a história?

– Sim, acabou.

– Mas não era uma história longa?

– Na verdade o dia é que foi longo. Surfei de manhã e à tarde inteira. Enfim, preciso ir. Se importa se eu levar mais uma cerveja dessas verdinhas pra viagem? Não precisa ser no copo chique não.

Pelo menos ele havia trazido meu vídeo cassete no prazo correto – pensei enquanto lhe passava mais um de meus tesouros para o homem que levava a vida devagar, porém que comia como um leopardo após duas semanas de jejum.



– Essa é amarga, mas é boa – foram as últimas palavras do homem folgado antes de deixar meu apartamento.

Com a saída do Eremita, começo a lavar a louça. O telefone toca. Meu telefone tem tocado mais do que o comum nesses últimos dias. Seco as mãos no pano de prato e ando sem muita pressa (como o Eremita) até a sala para atender. Tiro o telefone do gancho e escuto um gemido familiar.

– Ããããããããnnnnn.

– Opa, tudo bem? Quanto tempo – respondo já sem me constranger.

– Ainnnn, aõõõhnn, tanto tempo mesmo ãããnnnn.

– Já que você não quer me dizer o seu nome. Que tal me falar o que você quer comigo?

– Ohnnnnn não é óbvio?

– Para mim não é nada óbvio. Alguém que eu não conheço me liga, não se apresenta e fica gemendo no telefone, sem sequer expor suas intenções.

– Ainnn, ããnnn, õõõnnnn... pensa um pouquinho mais, Alfredo.

– Alfredo? Alô?

E, como sempre, a ligação é cortada. Como ela sabe o meu nome? Ninguém, além da minha ex esposa, me chama assim. E a voz está longe de se parecer com a de Madalena. Sem contar que,



faz tanto, mas tanto tempo desde a última vez que a escutei gemer, que nem me lembro mais. Não importa. Tento esvaziar a mente por uns minutos. Preciso me preparar psicologicamente para receber a Babi.

A tarde passa devagar. Deixei Johnny Alf, o pai da Bossa, me acompanhar. Seu álbum, Rapaz de Bem, que tem início com a música que dá nome ao disco, tocou duas vezes por completo. Muitos pistaches foram descascados. Tenho o hábito de comer pistaches quando estou um pouco tenso. Romper sua casca me relaxa, principalmente quando encaro algum cujo qual a casca vem quase sem nenhuma abertura. Abro todas mesmo que perca um dente. É questão de honra.

As horas passaram lentas, como imagino que devem se passar em uma prisão. O relógio marca 20 horas e percebo um leve suor, apesar do ar-condicionado ligado. Corro ao banheiro, reforço o desodorante e troco de camisa. Fico na dúvida se devo passar perfume ou não. Será que a Babi não vai achar estranho um homem que passa perfume para ficar na própria casa? Ou pode ser que ela ache desleixo eu não estar perfumado. Na dúvida, resolvo pecar pelo excesso. Passa uma gota do único perfume que raramente uso, um de vidro azul escuro com um cavalo que ganhei de presente de alguém que não lembro.

20 horas 30 minutos e nada das mãos de fada tocarem o interfone. Coloco os queijos que cortei em cubos perfeitos de volta no refrigerador, assim como o parma italiano. Será que ela disse oito horas mesmo?



21 horas e 15 minutos e ainda nem sinal da Babi. Pego um livro da Isabel Allende para ler, mas fico lendo as palavras sem absorver as informações. Será que era hoje mesmo que marcamos? Começo a duvidar se realmente ela disse algo como “amanhã perto das oito”. De repente, lembro que em nenhum momento lhe passei meu endereço. É óbvio que ela não vem! Se ela não sabe onde eu moro, como que vai conseguir aparecer? Me sinto um completo idiota. Com certeza ela aceitou o convite para não ficar uma situação constrangedora durante o corte de cabelo. Sou muito babaca mesmo!

No momento que me levanto para afogar as mágoas, devorando o queijo perfeitamente cortado, o interfone toca. Sinto um arrepio na nuca. É ela! Percebo pela maneira elegante que o interfone tocou.

– Aranha? É a Bárbara, dos Mentores da Barba. Combinamos de eu passar aí, lembra?

Bárbara? Do Mentores da Bárbara? Ahhh, sim. Só pode ser aquela à qual espero ansiosamente quase que me devorando por dentro – penso enquanto libero sua entrada.

– Abriu? – pergunto sem saber o que mais falar.

– Abriu.

Fico indeciso se já a espero com a porta aberta ou se isso vai parecer muita ansiedade. Resolvo fazer um charme, deixando-a do lado de fora por uns instantes.



A campainha toca. Imagino seu indicador perfeito encostando na minha humilde campainha. Tiro os queijos da geladeira de volta para o aparador da sala. Suspiro e abro a porta.

Aí está ela. Bárbara. Babi mãos de fada. Mesmo fora da barbearia, ela continua vestindo preto. Calça black jeans, All Star preto e uma camiseta solta, cortada na altura do pescoço, que deixa seu ombro esquerdo parcialmente à mostra. O ombro mais sensual que já vi. Alta e linda com seus cabelos crespos e compridos com mechas vermelhas. Uma rock star dos pelos. A convido a entrar.

– Da hora seu apê – ela diz.

Humm. Gírias. Ok, vou tentar lidar com isso.

– Valeu! – uso, substituindo o obrigado. – Não lembro de ter passado o meu endereço, então achei que você não viria.

– Eu atraso, mas não falho. Combinado é combinado. E seu endereço está registrado lá no cadastro da barbearia.

– Ah, sim. Ótimo! Que bom que você veio. Cortei um queijo. Posso te oferecer algo para beber? Vinho? Cerveja?

– Aceito um vinho.

Ousada. Linda. Nariz perfeito.

– Pode ser tinto? Tenho um malbec argentino.

– Como eu não entendo muito de vinho, confio em você.





Sorriso. Vou até a cozinha entusiasmado, abro o malbec com esmero, e volto com as duas taças generosamente servidas. Encaro a opção pelo vinho como um bom presságio.

Entrego a taça para Babi e fazemos um brinde. Nunca sei o que falar ao brindar, então acabo optando pelo silêncio. Ela tome um gole, sorri, apoia a taça na mesa de centro, mexe na bolsa e retira a tal fita cassete. Nessa altura do campeonato, já havia me esquecido completamente que assistiríamos a um filme. Por sorte, o videocassete já havia sido providenciado e ocupava despretensiosamente o rack da TV, como se ali fosse o seu habitat desde muitos anos. Minucioso, fiz questão de não remover a poeira por completo.

Ligo o aparelho, encaixo a fita do Janela Indiscreta e aperto o play. Há muitos anos não mexo num videocassete, porém percebo que é como andar de bicicleta: a gente nunca esquece. Aguardo uns instantes, mas nada do filme aparecer. Penso que fui um idiota por não ter testado antes com alguma fita qualquer, que por sinal, não tenho nenhuma. Rezo para Babi não pedir para que eu teste com outro filme.

Retiro a fita cassete, a encaro, rezo, sopro, a coloco novamente, aperto o play e percebo que estou completamente perdido. Babi sugere que pode ser a conexão entre o aparelho e a televisão, e se oferece para ajudar. Será que mãos de fada resolveriam o problema? Ela se abaixa na direção do videocassete e fica impossível não reparar na sinuosidade de suas fartas curvas. Sinto um suor escorrer da testar e o enxugo. Ela aperta



três ou quatro botões e o filme do Hitchcock aparece na tela. Ufa, nada como mãos de fada!

Nos sentamos no sofá e começamos a assistir o tal Jeff, em sua cadeira de rodas, confinado em seu apartamento e bisbilhotando os vizinhos. Havia anos que não assistia ao filme e, apesar de suspense não ser meu gênero preferido, confesso que o filme me agrada. Em alguns momentos, Babi e eu comentamos algumas cenas, como um casal de longa data faria. Em outros instantes, me pego pensando em como agir quando o filme acabar. Como farei para beijá-la? Entre um gole de malbec e um gouda, vou arquitetando diferentes estratégias, porém nenhuma boa o suficiente para ser executada.

Jeff acabou de escutar uma mulher gritar um sonoro “não” e, na sequência, barulhos de vidro quebrando. Olho o rosto de Babi e ela está extasiada. Parece mesmo amar o filme. O interfone toca. Como assim o interfone toca? Por um minuto, pensei que fosse do filme, mas o interfone toca aqui em casa mesmo num toque apressado.

Atendo e um tal de Sander se apresenta. Babi me olha com olhar de cachorro pidão e diz:

– Sander é o meu namorado. Eu o convidei. Fiz mal? Espero que você não se importe – fala enrolando os pequenos cachos do cabelo com o indicador.



# 6.

## SE MULTIPLICAM COMO HAMSTERS SE REPRODUZINDO EM UMA SURUBA

– Sander é o meu namorado. Eu o convidei. Fiz mal? Espero que você não se importe – fala enrolando os pequenos cachos do cabelo com o indicador.

Como responder a isso com a sensação de que fui traído e humilhado?

– Você não se importa, né? – ela repete.

– Claro que não. Tudo ótimo. É Vander, né? – respondo tentando manter ares de normalidade, apesar do coração dilacerado.

– Sander – Babi sorri.

Libero a entrada do elemento que em menos de um minuto já bate na porta. Três toques grosseiros. Qual o problema desse sujeito? O que será que ele tem contra a boa e velha campainha? Abro a porta e a visão é de amargar. Que péssimo gosto, Babi. Um jovem desleixado que parece o Salsicha do Scooby Doo, só que vestido de preto e com uma tatuagem na cara. Ele tem escrito alguma coisa indecifrável bem acima de uma das sobrelhas.

– Daí mano, tudo firme?



– Firme? Não posso garantir que sim – solto tentando decifrar que diabos está escrito na tatuagem. – Pode passar, fique à vontade.

Sander entra, dá um beijo estalado na boca da Bárbara e os dois se sentam confortavelmente no meu sofá. Mesmo traído, não consigo fugir da boa educação recebida e pergunto se Sander aceita um vinho ou uma cerveja.

– Aceito uma gelada, tio.

Tio é brincadeira. É pra acabar de vez comigo. É catapultar o pouco que restou da minha autoestima.

Vou até a cozinha, abro a porta da geladeira e fico encarando as Heinekens long necks perfeitamente alinhadas enquanto tento esvaziar a mente. O que você queria, Aranha? É óbvio que uma mulher como Babi não se interessaria por você e só queria mesmo era ver o filme. Janela Indiscreta. Juro que, depois de hoje, nunca mais volto a botar os olhos nesse filme lazarento e em nenhum outro do Alfred. Volto com a garrafa verde e sou obrigado a escutar:

– Não tem Brahma ou Antártica?

Me concentro para não arremessar a cerveja contra sua cabeça bem na altura da tatuagem indecifrável e respondo:

– Não.

– De boas, Tio. Vai essa mesmo.

Sander apenas estica o braço, sem ao menos se dar ao trabalho de se levantar do sofá. Com uma mão, ele segura uma das minha preciosas Heinekens e, com a outra, ele afofa a coxa de Babi sobre o black jeans. Procuro me acalmar. Me sento na poltrona e tento focar minha atenção no filme, só que não consigo prestar atenção em nada. Alterno entre destilar ódio, rezar para a



noite acabar logo, e tentar decifrar o que está escrito na testa do energúmeno que está jogado como um saco de batatas no meu sofá. Babi parece perceber que eu, ocasionalmente, com rabo de olho, miro na tatuagem do elemento. De repente, o telefone toca um toque raro.

– Pai, vou viajar com Tato, fico uns dias fora de casa.

Minha filha ligando para dar satisfação? Algo não está certo. E a propósito, há tempos não escuto sua voz formando mais de uma frase.

– Filha. Clara Bella. Está tudo bem?

– Tudo bem.

– Pra onde vocês vão viajar? Quantos dias vocês vão ficar?

– Tudo bem, pai. Alguns dias. Preciso desligar. Tchau.

Ainda tento umas últimas perguntas, mas a ligação já foi cortada. Fico sem saber para onde vão e por quanto tempo. Na verdade, fico sem saber de nada, apenas que eles irão viajar. Que estranho! Bom, Madalena deve ter mais informações e aí basta coletá-las com o Ernesto.

– Tio, que tal uma pizza? – vem a voz de Sander para quebrar meus pensamentos e testar meus nervos.

– Prefiro que você me chame de Aranha. Não como pizza, tenho alergia a molho de tomate – invento uma desculpa qualquer.

– Tá bom, tio. Deixa pra lá. Tem mais desse queijo?

Finjo que não escuto a pergunta. Babi me olha e envia uma mensagem telepática. Algo como “me desculpe” ou “não ligue pra ele”. Gostaria que fosse algo mais na linha “vou dar um fora nesse idiota e ficarei contigo”, mas não foi. Essa mulher merece



coisa muito melhor e parece saber disso. Não que eu seja grandes coisas, mas comparado a versão dark do Salsicha, acho que saio em vantagem na corrida dos menos piores partidos de Florianópolis.

O filme está quase no final. Jeff agora repousa em sua cadeira de rodas com as duas pernas engessadas e as histórias paralelas de cada janela vão se desfechando. O casal cujo cão foi morto aparece com um novo cachorro. O namorado da dançarina volta do exército para casa. Enfim, alguns finais felizes, o que me faz refletir que, se alguém estivesse vendo minha situação de uma janela indiscreta, esse alguém provavelmente estaria sem esperança de enxergar aqui um bom desfecho. Na verdade, o mais importante é que o final, seja ele qual for, chegou logo. O filme acaba e o casal não parece dar indícios de querer se levantar do sofá. Preocupante.

Tenho um relance de felicidade. Finalmente descobri o que está escrito na tatuagem de Sander. É “Sander”! O idiota escreveu o próprio nome na cara disfarçado com uma tipografia ridícula. Quem mais nesse mundo tatuaria o nome na própria testa que não o Sander? Babi percebe o meu sorriso discreto e parece aproveitar a brecha para uma conversa.

– Aranha, obrigado pelo filme e desculpe por qualquer coisa, tá?

– Que nada, foi ótimo recebê-la por aqui – faço questão de deixar o Salsicha de fora da frase.

– Sabe... eu acho que a gente se deu bem desde que se conheceu quando você foi cortar o cabelo. E, apesar de ser a primeira vez que nos encontramos fora da barbearia, sempre tive a sensação de que teríamos uma relação bem legal. Tipo... um pai pra mim, entende?



Um pai. Só podia! Me sinto um babaca e respondo exibindo um sorriso amarelo.

– Legal. Também te estimo bastante – falo da boca pra fora, com o coração cada vez mais ferido.

– Então... não querendo abusar da nossa amizade e da sua boa vontade, mas eu queria te pedir um favorzinho.

– Favorzinho... – repito com um mau pressentimento. Sempre que uma frase começa com então é porque lá vem bomba.

– É... tipo... sabe... O Sander teve um pequeno problema com o amigo que dividia o apartamento. Nada demais. Algumas contas atrasadas, o cachorro do amigo que não parava de latir, a louça que o amigo não lavava. Enfim, essas coisas. Sabe como é, né?

– Não sei muito bem não – respondo sentindo o peito palpitar.

– Será que ele não podia ficar uns dias por aqui com você? Poucos dias, prometo. Só até ele arrumar alguma coisa.

Todo o discurso foi dado pela Babi com Sander sorrindo tentando fazer uma expressão de bom moço.

– Não vai dar. Infelizmente. Minha filha mora aqui com o namorado.

– Mas ela acabou de ligar dizendo que vai viajar – Sander entra na conversa, termina sua jogada, e volta a exhibir o sorrisinho ridículo e forçado.

– Mas ela volta logo. Em dois ou três dias no máximo.

– Duas noites – interpela Babi com o mesmo olhar de cachorra pidona que fez ao anunciar a chegada do namorado. – Prometo que não vai passar de duas noites.



– Melhor não – respondo para ganhar tempo até buscar um argumento mais convincente.

Um silêncio daqueles constrangedores se instala no recinto. Babi mexe no cabelo fazendo os cachos irem e voltarem. Confesso que poderia observar essa cena por horas. Sander puxa o celular do bolso e fica vidrado na tela. Em vez de apreciar o movimento dos cachos, é lógico que o idiota prefere afundar a cara no dispositivo.

E eu, enquanto discretamente reparo no vaivém, faço força para encontrar um argumento definitivo para que ele não fique aqui em casa nem por mais uma hora. Pensei até em ser sincero, alegando que o meu interesse era em me relacionar com o Bárbara e que em nenhum momento fiquei feliz com a sua chegada na minha residência. Pelo contrário, que ele estragou tudo, que sua presença era tão repugnante quanto sua tatuagem narcisista na testa. Entretanto, sabemos que não é assim que a vida funciona.

O silêncio é rompido pelo telefone que toca afobado. Sinto um calafrio e cogito não o atender, porém me percebo coagido pelos olhares do casal a tomar uma ação.

– Alfredo?

– Madalena? – me vem um suadouro.

– Alfredo – ela bufa. – Não imaginei que fosse dizer isso, mas preciso da sua ajuda.

– Minha ajuda? – gotas generosas escorrem da minha testa. Era muito para apenas uma noite.

– O Ernesto... ele sumiu.

– Como assim ele sumiu?

– Há dois dias ele não aparece em casa e não responde o celular. Ninguém o viu. Já liguei pros familiares dele, para a





polícia, bombeiros e até pro serviço funerário. Ninguém sabe nada. São uns bostas, Alfredo. Ninguém ajuda em nada. São um bando de incompetentes.

– Calma, Madalena.

– Alfredo! Detesto que mandem eu me acalmar. Você sabe muito bem disso.

As gotas de suor se multiplicam como hamsters se reproduzindo em uma suruba.

– Eu te ajudo. Me diz. O que você quer que eu faça?

– Você pode vir pra cá? Agora?

– Vou. Em menos de vinte minutos estarei aí.

Desligo o telefone e passo no banheiro para lavar o rosto. Me olho no espelho e penso no que pode ter acontecido. Como assim o Ernesto sumiu? Madalena me pedindo ajuda! Minha filha viajando com o namorado e me ligando para dar uma micro satisfação! O que mais pode dar errado hoje na minha vida? Passo no quarto e troco a camiseta e pego carteira, chaves e o capacete. Vou saindo de casa e lembro que Babi e Sander ainda estão ali, como o rei e a rainha de paus.

– Ele pode ficar só essa por essa noite? – insisti Babi, tomando proveito da situação.

– Ele não pode ficar na sua casa? – tento gastando minhas últimas energias com esse tema.

– Moro com os meus pais. Meu pai é militar aposentado, super conservador. Sabe como é, né?

– Essa noite e nenhuma mais. Combinado?

– Combinado – responde o casal uníssono.



Desço as escadas apressado, monto a Georgina e vou dirigindo com a sensação de que a noite só começou.



# 7.

## PANQUECAS AMERICANAS COM MAPLE SYRUP

Desço as escadas apressado, monto a Georgina e vou dirigindo com a sensação de que a noite só começou.

Toco a campainha de Madalena. Nunca imaginei que um dia conheceria seu novo apartamento, ainda mais sendo convidado pela própria. Sinistro. Não desejei sentir a sensação de entrar por essa porta. Se fosse um convite de Ernesto para tomarmos um whisky e girarmos os gelos do copo, seria uma situação menos desconfortável. Ernesto comentou que adora whisky. Não é minha bebida favorita, mas consigo acompanhar bem quando alguém me convida. Gosto do ritual de girar os gelos do copo com o dedo. Provavelmente estaríamos escutando uma boa música e conversando sobre algo instigante. Ou, talvez, estivéssemos os dois em silêncio apreciando a melodia tomar conta do ambiente. Ernesto gosta de jazz.

Mergulhado em hipóteses satisfatórias, demoro a perceber que a porta já se abriu. Minha visão turva demora a focalizar o rosto daquela mulher fragilizada. De repente, percebo que faz tempo que não a via, quiçá mais de cinco anos. Não, espera. Impossível! Há dois anos ainda éramos casados. Seguramente não a vejo há mais de um ano. Ela parece que envelheceu. Não na pele, ou no cabelo, mas no olhar. Ou, quem sabe, é o reflexo do desespero pela falta do atual marido. Com as mãos ela me



convida a entrar e, no momento em que atravesso a porta, ela dispara:

– Para, Alfredo. Espera!

– O quê? – respondo com a certeza de que ela se arrependeu de me convidar tão logo me viu.

– Por favor, Alfredo. Tire o sapato. Nessa casa não circulamos de sapato.

Típica espetada de Madalena. Uma situação delicada como essa e ela preocupada em seguir rigorosamente as regras malucas que ela própria estabeleceu. Madalena sempre tentou implementar isso lá em casa, mas fui contra. Exibindo meias novas e sem furos, que por sorte selecionei para receber Babi, entro cauteloso em seu novo covil. São meias pretas e sem estampas.

Em uma sala luxuosa, que caberia o meu apartamento inteiro, sou convidado a sentar no sofá. O apartamento parece daqueles de revista de decoração. Magnificência pura. Cada móvel ou objeto não poderia ocupar uma posição mais perfeita. As cores neutras, com predominância de creme e bege, com alguns leves toques de dourado espalhados em artefatos estratégicos, que me trazem a essência de Madalena. O tecido impecável das cortinas, os quadros abstratos e geométricos, as capas felpudas das almofadas, o espaço largo para circulação, os tapetes persas. Tudo milimetricamente disposto. Não vou negar que Madalena sempre teve bom gosto para decoração. Já não posso dizer o mesmo em relação a música.

Sentado no sofá central da sala, com Madalena ainda de pé fitando com olhar blasé a janela, rodeado pela decoração opulenta que ela sempre sonhou, recebo uma mensagem clara, que dispensa o uso de palavras. Sou o típico perdedor (como se eu já



não soubesse)! Os objetos os quais minha ex sempre almejou, e que minha renda passou longe de adquiri-los, agora gritam “fracassado” ao pé do meu ouvido. É um som muito nítido. Vou me sentindo encurralado por tapetes, quadros e por um trio de estátuas com temática africana que parecem debochar da minha profissão de ghost writer. Até onde eu saiba Madalena nunca pisou na África. A agonia é rompida pelas palavras da minha ex:

– E agora? Não sei o que fazer, Alfredo!

Ela coloca de uma maneira como se fosse minha obrigação resolver o desaparecimento do Ernesto.

– Já liguei pra todos os incompetentes que você possa imaginar. Ninguém sabe nada – ela continua. – Nada!

Normal. São todos uns incompetentes e eu sou o último deles que ela ligou para ajudá-la. A cartada final, a última esperança de um incompetente produzir algo útil para o mundo.

– Fala alguma coisa, Alfredo!

– Desculpe. Não sei muito por onde começar. Lamento pelo desaparecimento de Ernesto.

– Lamentar não vai solucionar nada.

– Me tratar assim, tampouco – respondo me sentindo afiado. Não agia assim quando estávamos casados.

– Você sabe... estou nervosa.

Sei bem. É sempre assim. Nunca um “me desculpe” ou “você tem razão”.

– Você tem Heineken? – pergunto, já prevendo a resposta.

– Você sabe que não.

– Então aceito um vinho. Recomendo você tomar uma taça também.



Madalena sai da sala e com isso ganho um tempo para pensar no que fazer. Não demora um minuto e a vejo retornar com uma garrafa fechada e duas taças sofisticadas. Claro, sou eu que vou abrir o vinho. Ela me passa o saca-rolhas e dá uma bufada. Não consegui pensar em nada, óbvio. Reparo que é um rótulo já desgastado e uma garrafa com ombros mais marcados e corpo reto, o que permite facilitar o acúmulo de resíduos sólidos na região do ombro. Seguramente um bordeaux de guarda. A rolha é delicada e preciso usar toda minha habilidade para não a esfarelar. O perfume é de frutas vermelhas maduras, além de toque defumados e aroma de baunilha. O rótulo indica um Château Cos d'Estournel, Cru Classé, safra de 1989.

– Onde você pegou esse vinho? – pergunto encarando o rótulo, que como os bons franceses, trazem pouca informação.

– Do fundo da adega do Ernesto.

– É um Cru Classé. E se ele estiver guardando para uma ocasião especial?

– Tem uma caixa com pelo menos mais dez garrafas iguais a essa.

Com menos peso na consciência, encho os copos e, um tanto constrangido, brindo com Madalena. Brindo em silêncio, é claro.

O vinho é elegante, de taninos firmes e boa acidez. Dá pra sentir bem as frutas vermelhas maduras como cereja e framboesa. Madalena vira a taça como se fosse suco de uva. Em seguida, ela mesma se serve de uma nova e generosa dose, como se estive na máquina de refrigerantes da lanchonete enchendo o refil. O telefone toca. Como eu, e como gente old school, Ernesto e Madalena também possuem um telefone fixo no aparador da sala. Tenho uma sensação estranha, que acompanha um formigamento



nas pontas dos dedos das mãos. Madalena atende e o telefone fica mudo. Reparo a taça de vinho tremer em sua mão, como se estivéssemos passando por um prenúncio de terremoto. A ligação é cortada.

– O que foi?

– Acho que era o Ernesto. Será que ele está em perigo? – diz Madalena e começa a chorar.

Uma cena rara vê-la chorar. Fico um pouco sem saber o que fazer e me aproximo para tentar consolá-la. Madalena me abraça e sinto suas lágrimas escorrerem no meu pescoço. Ela realmente parece gostar do Ernesto. Claro que gosta, afinal, estamos falando de um excelente sujeito. Eu também gosto dele. Com a mulher contra o peito, penso sentir pela primeira vez algo que pode se aproximar a uma ponta de ciúme. Será que em algum momento ela gostou de mim assim? Será que choraria por mim?

– Esse imbecil desse Ernesto com certeza absoluta aprontou. Que ódio! – vocifera Madalena ao se afastar subitamente do meu corpo.

Suas palavras dilaceram qualquer resquício de ciúmes e me trazem para a consciência de que venho vivendo os melhores anos da vida desde a separação.

– Me fala mais do Ernesto. Quando foi a última vez que vocês se viram?

– O Ernesto só sabe trabalhar. Ele vive naquele mundo de cerâmicas como se respirasse revestimentos. É a conversa mais monótona do mundo quando ele começa a falar sobre moldagem de argila. Em casa, no pouco tempo que fica por aqui, só quer saber de encher a cara e ver esses documentários sem graça. É um dia do vinho, outro do whisky. É série de cosmos, de civilização mesopotâmica, de dragão de Komodo, de qualquer porcaria que



não existe ou que já morreu. Quando vai dormir, bota os fones de ouvido e fica viajando naquela música sem letra que só ele gosta.

– Jazz, no caso – digo e reflito que Ernesto sabe viver a vida.

– Essa mesmo. Sem contar que ele ronca mais do que um trator velho. Por isso, dormimos em quartos separados. A melhor coisa que fizemos para manter a sanidade do casal.

No caso, a sua sanidade. Reflito e guardo para mim. Pobre Ernesto!

– E quando foi a última vez que vocês se viram?

– Foi ontem quando eu estava tomando o café da manhã. Ele não comeu nada e saiu apressado para trabalhar.

– Nada diferente? É normal ele sair apressado sem comer?

– Nada.

Madalena faz uma cara reflexiva.

– Na verdade, agora que você falou, tem algo sim. Ele vinha comendo menos nos últimos dias. Realmente, é raro ele não tomar café da manhã. Geralmente ele come panquecas americanas com Maple Syrup.

– Mais alguma coisa?

– E anteontem, na última noite em casa, ele não bebeu. Algo muito raro. Talvez uma das poucas vezes desde que nos casamos. Será que ele tinha algum exame marcado?

– Pode ser. Você chegou a mexer nas gavetas dele ou nos bolsos das roupas que ele usou nos últimos dias?

– Alfredo, você acha que eu futrico coisa dos outros?





Reparo que futricar é um ótimo verbo. Realmente, nesse ponto ela tem razão. Nunca “futricou” nada meu. Pelo menos não que eu saiba.

– Sei que não. Mas quem sabe, devido à situação, dar uma futricada não ajudaria a descobrir seu paradeiro?

– Hunf – ela bufa. – Pensando dessa maneira...

Madalena vai em direção aos quartos e eu prefiro ficar na sala. Seria muita invasão de privacidade entrar no quarto em que Ernesto dorme tranquilo, escutando seu jazz, enquanto reflete sobre as infinitas possibilidades de produção de cerâmicas. Ou no quarto de Madalena, onde ela dorme aflita enquanto pensa nos defeitos alheios e em como os outros conspiram para desagradá-la das mais diversas maneiras.

Dessa vez, ela demora a regressar. Aproveito para me servir de mais uma dose do Château Cos d'Estournel. Com o bouquet mais aberto, o vinho ficou ainda melhor. O telefone toca um toque conhecido. Um impulso incontrolável faz com que minha mão vá em direção ao aparelho para atendê-lo.

– Ãããããiiiiinnnnn, Alfredo. Saudades. Aaõõõhnn.

O quê? Como assim essa maluca sabe que eu estaria aqui?

– Ainnnn, õõõnnnnnnnn – ela prossegue com os gemidos.

– Como você sabe que sou eu?

– Ohnnnnnn. Você não percebe? Ãããnnn.

– O que eu não percebo? Que tipo de brincadeira é essa?

– Ôõõnnnnnn, aaainnnnnn. Você não percebe? Você está sofrendo? Oinnnnn.

– Sofrendo? Sofrendo de que?



E, como sempre, a ligação é cortada. Fico abismado com o acontecido. Como essa mulher sabe o meu nome e como ela me achou aqui? O trote está tomando proporções inimagináveis. Madalena retorna.

– O que você está fazendo com o telefone na mão?

– Você estava no quarto e tomei a liberdade de atender na esperança de ser o Ernesto.

– E quem era?

– Era um trote.

– Um trote?

– Por acaso você já recebeu alguma ligação de uma mulher gemendo?

– Ah? Do que você está falando?

– Esquece, nada demais – coloco o telefone no gancho. – Você conseguiu achar alguma coisa?

– Nada muito suspeito. Ernesto saiu com a carteira. Achei só moedas, clips, um cartão de visitas que imagino ser de algum cliente e um folder amassado.

– Posso ver?

Madalena me passa o cartão e o folder. O cartão é de um tal de Gabriel, aparentemente CEO da empresa Castro Centerlar. Imagino que um cliente de Ernesto. O folder amassado mostra apenas o desenho de uma árvore com um símbolo no meio. Examino com mais atenção e vejo se tratar de uma Araucária com um olho egípcio embrenhado no tronco. Esse desenho não me é estranho e me traz uma sensação esquisita, fazendo meus dedos voltarem a formigar. Dou um gole generoso no bordeaux enquanto coloco a memória para funcionar. Madalena pergunta:



– Devemos ligar para o tal de Gabriel?

– Pode ser. Mas antes disso... você comentou que o Ernesto vinha comendo menos e saiu sem tomar café da manhã no dia em que desapareceu. Me fale mais detalhes sobre o que aconteceu.



# 8.

## COMO UM CABRITO PASTANDO EM UM CAMPO DESCONHECIDO

– Você comentou que o Ernesto vinha comendo menos e saiu sem tomar café da manhã no dia em que desapareceu. Me fale mais detalhes sobre o que aconteceu.

Me despeço de Madalena que grita meu nome quando saio afobado pela porta. Não foi um grito generoso, como de agradecimento pela minha solidariedade e ótima disposição em ajudar. Foi muito mais uma exclamação espinhenta, trevosa, que sugere algo como: “Alfredo, seu idiota, vai me deixar aqui sozinha sem passar perto de resolver a situação?”. Saio da cova da loba com a cabeça girando e quase tropeço nos degraus da escada que se mesclam com os meus pensamentos. Monto na Georgina e foco minhas energias em tentar evitar um acidente de moto até chegar em casa. Sinto o Château Cos d'Estournel sacolejar fermentando o meu estomago. Sinto a brisa daquela noite estranha penetrar meus poros. Por sorte, chego vivo até o apartamento. São e salvo.

Abro a porta de casa e me deparo com uma cena que havia deletado da memória, uma memória recente. Era Sander, esparramado no meu sofá, esbanjando conforto, assistindo minha televisão e com uma Heineken na mão. O mesmo Sander que tem a cara tatuada com o próprio nome, para caso alguém se esqueça



do nome dele. Aquele rapaz, que horas antes passava as mãos nas coxas tenras da Babi, que por sinal, já não estava.

– E aí, tio? De boas?

Decido ignorar. Não consigo imaginar um único benefício em ter qualquer diálogo com esse indivíduo que, por ora, habita o meu sofá como se fosse um antigo proprietário. Avanço para o quarto, abro o computador e procuro pelo último trabalho que entreguei: o artigo sobre os alissensofistas, os tais indivíduos que se alimentam de água e luz. Vou revisando as palavras até chegar aonde queria. Eureka! A tal árvore com o olho no meio. “Sabe-se que em suas comunidades existe meditação, contemplação e cânticos que exaltam a natureza e a Forma Criadora, que é representada por uma Araucária com um olho egípcio no centro do tronco, e que acabou por virar também o símbolo alissem”.

É o mesmo tipo de árvore encontrada no folder de Ernesto. Tiro o papelete do bolso e encaro fixamente. Não existe um único telefone, e-mail ou endereço, só mesmo o desenho hippie: a Araucária com seus galhos longos e arqueados para cima, que trazem uma sensação de simetria. Com certeza algum matemático conseguiria encaixar o número de ouro por entre os galhos, reforçando a perfeição da natureza através de sua estrutura.

Observo atentamente o olho egípcio disposto no centro. Consulto a Wikipedia e vejo que ele se chama Olho de Hórus, um amuleto com diversas representações, como poder e proteção. Por outro lado, outras religiões o descrevem como um símbolo satânico, acusando associações fraternais como a Maçonaria e os Illuminati de serem usuárias do olho. Estranho! Qual seria a interpretação dos alissensofistas?

Mesmo tarde, resolvo acionar minha fonte, que me contratou como ghost writer para redigir o artigo. Ligo e deixo soar os toques nervosos. Muitos toques. Ele, talvez percebendo



minha ansiedade, não atende. Insisto em mais uma tentativa que torna a fracassar.

Decido aprofundar pesquisas sobre os alissensofistas na internet, porém sou interrompido por uma sombra que invade o meu quarto.

– Daê, mano. Vai uma breja? Essas são as últimas – aparece Sander com duas preciosas garrafas verdes na mão.

Pelo menos ele teve a consideração de me oferecer a última Heineken antes de acabar de vez com o estoque. Aceito. No instante que ele entra no meu quarto, me entrega a cerveja, se senta na minha cama, acabo me arrependo imediatamente.

– Tio, desculpa aê incomodar. Queria agradecer de coração poder cair a noite aqui. Gratidão mesmo.

Dou um gole na Heineken e tento deixar meu coração apreciar o agradecimento, apesar das gírias e da palavra “gratidão” me incomodarem. Sinto um pouco raiva quando me agradecem assim, o que é bem comum em Florianópolis. Gratidão, beijo de luz, gratidão com beijo de luz. Essas coisas me incomodam. Respondo o Sander:

– Tudo bem. A propósito, você já ouvir falar de alissensofista?

– Aqueles manos que não comem nada?

– Isso.

– Foi modinha por um tempo aqui na Ilha. Conheci uma mina que entrou nessa nóia e começou a tentar doutrinar a galera, tá ligado?

– Mais ou menos ligado. Mais para menos. E depois? O que ocorreu?



– Mó mina mala. Ficava catequizando geral com esses papos brabos de luz, de sofrimento de planta, essas coisas sem noção.

– Entendo. Enfim. E que aconteceu com a tal “mina”?

– Ninguém aguentava mais, saca? Começaram a dar um gelo nela. Mó mina doida, gatinha, mas doidinha mesmo, pancadinha das ideias. Aí ela acabou vazando. Deu linha na pipa. Acho que mudou para alguma dessas comunidades alternas, tá ligado? Onde geral tá na mesma vibe. De comer luz e cagar sombra – ele finalizou dando risada.

Até que o senso de humor do Sander não era dos piores.

– E como a “mina” se chamava?

– Ah mano, faz um tempo, heim? Deixa eu puxar aqui – Sander franze a testa parecendo fazer força, o que deixa a tatuagem completamente ilegível, remetendo mais a um arame farpado ou a coroa de espinhos de Jesus. – Luna. A mina chamava Luna. Ou era Lara? Um dos dois, mano. Luna, Lara, Lara, Luna. Tanto faz. A mina era mó malinha sem alça.

– E você sabe onde ficava a comunidade que ela se mudou?

– Lembro dela falar de algo fora de Floripa, tipo na serra catarinense, tá ligado? Que era frio e tal. Falava que subia um morrão mó visual. Às vezes, até que a Lara era sangue bom. Ou Luna.

O diálogo é interrompido com o telefone tocando. Provavelmente meu contato retornando à ligação tardia. Olho para Sander como que dizendo que precisava de privacidade para atender a ligação. Por sorte, ele parece entender o gesto e sai do quarto se despedindo com um “valeu, tio”.



– O morro – diz uma voz conhecida, pigarreando na sequência. Não era meu contratante e sim, o homem chamado Garça.

– Qual morro? O que tem o morro? – pergunto pensando no tal “morrão” que Sander comentou. Será que o homem chamado Garça tem uma escuta no meu apartamento?

– O morro não tem vez.

Ah claro, O Morro não tem vez, de Tom Jobim com Vinicius de Moraes. Um clássico.

– E o que ele fez já foi demais – respondo, completando a letra.

– Mas olhem bem vocês, quando derem vez ao morro, toda a cidade vai cantar. Você gosta dessa música?

– Sim. É um clássico, não tem como não gostar.

– Ótimo.

– Ótimo por quê? – respondo, sentindo um tom diferente na voz do homem chamado Garça.

– Porque chegou a hora, Aranha.

– Hora de que?

– Chegou a hora. A hora de você dar vez ao morro.

– Do que você está falando?

– Não é óbvio? Sou o olho que tudo vê, Aranha. O morro não tem vez. Mas quando derem vez ao morro, toda a cidade vai cantar.

E novamente a ligação é cortada abruptamente, me deixando farto desses diálogos. O olho? Dar vez ao morro? Quem, afinal, é esse sujeito? Do que ele sabe? Me levanto e caminho em





círculos enquanto finalizo a Heineken. Olho o relógio e vejo que falta um minuto para meia noite. Pego novamente o artigo para ler. Releio cuidadosamente e me fixo no penúltimo parágrafo: “Comunidades alissens já foram encontradas em Urubici, em Imbituba e na Serra do Rio do Rastro, onde, ao que parece, se localiza a fundadora e elo que une todos os praticantes. A comunidade do Rio do Rastro é considerada a maior e a pioneira, e dali saem as recomendações sobre o modo alissensofista de se viver.”

Reflico por um tempo e chego à conclusão de que tudo indica que o tal morro é a Serra do Rio do Rastro. O quartel general dos alissens. O morro que não tem vez. Será que o Ernesto estaria por lá? Repasso o diálogo com Madalena sobre o comportamento de Ernesto antes do desaparecimento. Chama a atenção a restrição alcoólica e a redução da alimentação, além de, obviamente, o tal folder com o símbolo alissensofista. Sem contar que temos agora um novo componente: o homem chamado Garça, que, além de perito em Bossa Nova, se autodenominou o olho que tudo vê. Seria uma referência ao olho de Hórus? Poder e proteção.

Me sinto um tanto quanto enganado, ou, melhor dizer, manipulado. Onde eu me encaixo nessa história toda? Homem chamado Garça, desaparecimento do Ernesto, morro, olho egípcio, Araucárias e um monte de gente maluca que se alimenta de luz.

Fico por um tempo remoendo as informações, mastigando devagar, como um cabrito pastando em um campo desconhecido. Estamos os dois perdidos, o cabrito e eu, sendo alimentados por uma mão invisível, que nos despeja informações picadas e desconexas. Decido imprimir o artigo. Por sorte, tinha um resto de tinta preta na impressora velha, suficiente para imprimir quase tudo. O final ficou em tom de cinza clarinho, mas ainda possível



de ser ler com um esforço hercúleo, tipo aquele quando o Sander transforma a tatuagem num arame farpado.

Preparo uma mochila com uma muda de roupa e kit de higiene. Guardo nela o artigo e o folder da Araucária. Vou até a sala e encontro o sujeito esparramado no sofá. Dessa vez, sem cerveja. Obviamente não deve passar pela cabeça dele uma reposição do estoque. Ele assiste a um programa esportivo que comenta sobre futebol. Parece bem atento.

– Sander – digo com firmeza para chamar sua atenção.

– Oi, tio – responde, dirigindo o olhar para mim.

– Preciso que entenda bem o que vou te dizer. Vou precisar sair. Não sei por quanto tempo. Você pode ficar por aqui até minha filha retornar. Assim que ela chegar, você precisa sair. Entendido?

– Claro, tio. Da hora. Firmeza.

– Caso aconteça alguma coisa comigo eu vou telefonar para cá, para o telefone fixo. Ele toca no meu quarto a aqui na sala. Você só atende aqui na sala, depois que soarem dez toques. Entendido?

– Certo, mano. Mas por que tudo isso?

– Apenas me escute. Dez toques. Nunca atenda nada antes disso. Combinado?

– Fechado, mano.

– Então repita o que eu falei.

– Atendo o telefone depois de dez toques.

– Isso. Atende o telefone da sala, que está no aparador, não o do meu quarto. Você pode dormir aqui no sofá da sala mesmo,



tem roupa de cama no armário do corredor. Caso minha filha retorne, você sai imediatamente. Temos um acordo?

– Sim, senhor!



# 9.

## AS ONÇAS PINTADAS E OS PINGUINS AFRICANOS

**– Sim, senhor!**

Montado na minha fiel companheira, dirijo até o posto para abastecer o tanque. Ao sair para pagar a conta na loja de conveniência, compro uma Coca-Cola, uma caneta vermelha marca texto e um mapa de Santa Catarina. Fico aliviado em encontrar o mapa rodoviário, já que, com o advento de aplicativos de GPS para telefones móveis, os mapas entraram em extinção, assim como os jornais impressos, as onças pintadas e os pinguins africanos.

Tomo a garrafinha de Coca-Cola para cortar o resto do efeito do vinho. Há tempos não tomava refrigerante, mas percebo que uma Coca geladinha tem o seu valor. Quem sabe elas não poderão fazer companhia para as cervejas na geladeira? Examino o mapa e faço um círculo no destino de hoje: a entrada para a serra do Rio do Rastro, no município de Lauro Muller. Circulo também Paulo Lopes e Imbituba como dois pontos de parada para reabastecimento da Georgina, cuja autonomia não é das maiores. Penso em aproveitar as paradas para um pit stop no banheiro, já que minha autonomia também é baixa.

Vou acelerando a Georgina pela madrugada, onde o fluxo de veículos é bem menor. Sempre achei prazeroso pilotar na



madrugada, com a cidade pacata, e com as pessoas em seus lares, indefesas perante a noite, imersas entre sonhos, roncos e ilusões.

Começo a imaginar as pessoas dormindo. Madalena tentando dormir em seu luxuoso apartamento após haver consumido remédios, bebidas, florais e Maracugina. Ela ronca baixinho e se mexe pouco, dorme de barriga para cima como se fosse uma múmia. Eventualmente acorda, tem pensamentos raivosos, vai ao banheiro urinar, toma mais algum comprimido e retorna para a cama. Babi deve ter um quarto na casa do pai, que, segundo ela, é conservador. Uma cama de solteiro, uma mesa de cabeceira com um abajur de luz amarela e dois ou três livros. Na parede, um poster de algum filme do Hitchcock. Sander está apagado no meu sofá e, como tem cara de preguiçoso, aposto que não buscou a roupa de cama do armário, nem trocou de roupa. Na verdade, não recorro se ele chegou com alguma mochila com muda de roupa.

Ernesto dorme num colchonete fino em alguma cabana hippie, provavelmente com fome e frio. Sequestrado? Ou foi por conta própria seduzido por alguma menina alternativa? Essa suposição pretendo confirmar em alguns dias. Senhora Elisa descansa tranquila em seu quarto com cheiro de incenso de lavanda e decorado com desenhos de mandalas, após mais um dia de yoga e uma noite de alimentação perfeita. Boca, o enrolador da loja de tênis, divide a cama de casal com seu cachorro Tripé. O cão é espaçoso e dorme esparramado, obrigando Boca a se contentar com o cantinho direito. Sem contar que late por qualquer pequeno barulho, tornando o sono de Boca fragmentado. Sobre Clara Bella e Tato, prefiro não imaginar.

Sentindo o sopro da noite e ouvindo o ronco da Georgina, sigo meu destino até a primeira parada. Num posto de gasolina em Paulo Lopes, tomo um café aguado, urino num mictório com umas pastilhas azuis para o controle do odor, lavo as mãos, e saio



para dar uma conferida no mapa. Aproveito também para abastecer a vespa. O frentista puxa papo comigo. Não entendo essas pessoas que insistem em conversarem justo comigo, já que me esforço para manter uma postura fria e uma expressão não muito amigável, como um juiz sisudo prestes a proferir uma sentença desfavorável. Ele comenta que se eu quiser um café melhor, consigo em uma padaria próxima que fica aberta de madrugada. Até que a dica não é das piores, mas agradeço sem pedir o endereço.

Prossigo viagem. De Paulo Lopes até Imbituba são menos de quarenta quilômetros. A estrada é uma reta e me esforço para me manter desperto. Escolho o álbum Wave de Tom Jobim para tentar me recordar de todas as faixas. O começo é fácil: Wave. Na sequência, The red blouse, Look to the sky, Batidinha... Fico confuso depois se vem Mojave ou Triste? Uma das duas. Depois me perco, mas sei que falta entrar na conta Capitão Bacardi, Lamento e algumas outras que devo ter esquecido. Escolho outro álbum. Percebo que só consigo ir bem até as cinco ou seis primeiras faixas.

Chego em Imbituba, a capital nacional da Baleia-franca. Na última vez que estive por aqui foi para ir a um casamento na Praia do Rosa, de uma amiga de Madalena, que se achava mais jovem do que aparentava. Tochas, pé na areia, cores tropicais, drinks com canudos coloridos e um vento desgraçado que soprou areia incessantemente na cara dos convidados. Uma catástrofe do começo ao fim, porém tive que falar que estava tudo ótimo e me esforçar para evitar a expressão de juiz carrancudo. Lembro de me fixar ao mar para tentar ver a tal Baleia-franca, mas tudo que vi foi um galho de árvore emergindo da costa. Chego em Imbituba e vou até o centro procurar um posto. O primeiro que achei estava fechado, assim como o segundo. Não se abastecem veículos por aqui?



Como a Georgina ainda tem uma pouca de autonomia, escolho outra cidade. Abro o mapa e faço um círculo vermelho em Tubarão. São mais cinquenta quilômetros, percorridos com bastante dificuldade devido ao sono. Dessa vez piloto sem forças para pensar em nada, nem em pessoas dormindo, nem em álbuns de bossa nova, menos ainda em casamentos desastrosos ou eventos compartilhados com a minha ex.

Em um determinado momento, dou uma rateada soltando levemente o guidão. Tomo um susto com a moto derrapante quase indo ao chão. Sinto o sangue subir e os pelos se arrepiarem, como o de uma jaguatirica. Foi por pouco. O susto libera a dose de adrenalina que eu precisava para ficar desperto. Estaciono no acostamento, tiro o capacete, respiro fundo e retomo a rota até Tubarão. Chego no destino completamente acordado e paro no primeiro posto que encontro aberto. Para garantir, repito a dose de café, assim como a ida ao banheiro. Abasteço a moto e dou sorte de encontrar um frentista ainda mais mal-humorado do que eu, que falou menos do que o mínimo possível. Antes de sair, confiro a marcação no mapa pouco antes da subida da Serra do Rio do Rastro. Checo também as horas e vejo que são três da madrugada.

Piloto a última hora até o distrito de Guatá, no município de Lauro Muller. Vou tranquilo, sem percalços. Dessa vez vou pensando no meu amigo Ernesto. Como o homem se meteu nessa roubada? Será que meu instinto está correto e eu vou encontrá-lo por aqui, ou sou somente um maluco beleza em uma vespa velha viajando de madrugada à toa? Vespa velha, porém, estilosa e bem conservada. Conforme vou me aproximando da elevação, sinto o vento soprar mais gelado. Pelas placas indicando a Serra do Rio do Rastro, entendo que cheguei ao meu destino. Por hoje está mais do que suficiente, agora é hora de procurar uma pousada e descansar algumas horas antes de seguir viagem. Já se passaram



das quatro da madrugada e seria ótimo se eu conseguisse um lugar para tomar café da manhã dentro de algumas horas. Preferencialmente com um café que não fosse aguado.

Entro na primeira placa de pousada que encontro, chamada Pousada Redivo. Vou dirigindo a Georgina o mais devagar possível, para que seu motor barulhento não incomode os hóspedes. Passo por umas árvores frutíferas e por uns bonecos gigantes de porcos vestidos de fazendeiros. Eles parecem amigáveis, mas sinto um pouco de calafrio, já que me fazem lembrar de a Revolução dos Bichos, de Orwell. “Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que os outros.”

Estaciono a moto em frente a recepção e entro em uma casa amarela com a típica decoração da serra. Lenha, lareira, móveis rústicos de madeira e uns livros empoeirados na estante. Aparentemente não há ninguém. Dou uma circulada no ambiente, leio os títulos dos livros e quando penso em tocar a sineta para chamar alguém, aparece uma mulher. Uma mulher bem bonita, por sinal. Talvez da minha idade ou poucos anos mais velha. Cabelos loiros bem presos num rabo de cavalo impecável e uma maquiagem discreta. Alguns fios brancos se entrelaçam aos loiros.

Ela não aparenta haver acabado de acordar, então imagino que estivesse lendo. Seus olhos são castanhos acobreados e sua boca exhibe lábios finos e delicados, com pequenas rugas de quem está envelhecendo com dignidade. Veste um camisa branca de lã bem moldada ao corpo com um cardigan marrom e desabotoado por cima. A roupa deixa transparecer, além de elegância, a boa forma física.

– Como posso ajudar? – diz puxando os cabelos para traz, reforçando o rabo de cavalo.





– Desculpe chegar sem avisar, mas preciso de um quarto para uma noite. Seria possível?

– Não precisa se desculpar. Vai descansar antes da subida da serra, não é mesmo? Acontece muito.

Elegante, em forma e educada.

– Agradeço a gentileza.

– Temos o quarto sete disponível, com vista para o pomar.

– Está perfeito. Vocês servem café da manhã?

– Esse é precisamente o nosso ponto forte. Servido a partir das seis e trinta da manhã no nosso restaurante. Ao acordar, se o senhor quiser, temos maçãs maduras no pomar prontas para a colheita, que podem ser apreciadas junto ao café da manhã, com canela. Recomendo a experiência, os hóspedes costumam elogiar.

– Pelo visto, cheguei ao lugar certo. Vou seguir a sugestão.

A mulher me passa com delicadeza uma ficha de inscrição e uma caneta com a logomarca do hotel em amarelo. Que movimento suave. Ao olhar discretamente para as mãos, apenas para checar à presença de alguma aliança ou anel de compromisso, reparo que lhe falta um dedo mindinho na mão direita. Ela parece perceber que eu reparei e puxa a mão para detrás do balcão. Na sequência, recolhe o papel com a mão esquerda e me passa uma chave.

– Alfredo Aranha – fala ao ler a ficha. – Bem-vindo a pousada Redivo, o quarto sete é o penúltimo do corredor no lado direito.

– Obrigado. Pode me chamar de Aranha. E a senhora, como se chama?



– Cristina Coelho, mas pode me chamar de Cris. Sem senhora, apenas Cris.

Dois sobrenomes de animais. Um inseto e um pequeno mamífero. A Cris me cativou com o seu jeito. O que será que aconteceu com o seu mindinho? A encaro por uns segundos e me despeço com um sorriso amigável.

Quando estou cruzando o corredor, escuto sua voz.

– Seu Aranha.

– O que foi?

– Desculpe incomodar. Sobre a moto. É uma vespa M4, não é mesmo? Há tempos não vejo uma dessas por aqui. O senhor pode deixar no estacionamento coberto, logo ao lado do salão de jogos.

– Você me impressionou com o seu conhecimento sobre motos. Sobre vespas em particular. É uma M4 1963 que foi batizada de Georgina.

– Bonito nome. Se o senhor não se importar, amanhã, gostaria de admirá-la por uns minutos antes da subida para a serra.

– Cris, você é bem-vinda para conhecer a Georgina na hora que você quiser e, além disso, também está convidada para pilotar.

– Agradeço o convite, mas sempre andei melhor na garupa.

– Então podemos fazer um breve passeio amanhã antes da subida da serra.

Cris responde com um sorriso encantador como se concordando, e eu me encaminho para o quarto sete com aquela



sensação agradável, de um flerte recém acontecido, de um mar de possibilidades. Cris Coelho, uma mulher que conhece vespas pelo motor. É realmente admirável. Qual será a sua opinião sobre bossa nova?

Chego no quarto contente, cansado, mas com uma sensação boa correndo pelo corpo. A qualidade do ar por aqui ajuda nessa energia mais fluída. Me sinto jovem, como se estivesse por completar trinta anos.

O quarto segue o mesmo estilo da recepção. Rústico e com móveis de madeira. Um frigobar, uma cama de casal queen size, uma escrivaninha, uma poltrona em couro marrom e um quadro de frutas variadas na parede da cama. Vejo maçãs, bananas e um cacho de uvas verde. Nunca gostei de quadro de frutas nem de flores, mas o meu ótimo humor me permite achar que encaixou bem com a decoração do quarto no pé da serra.

Em cima da escrivaninha tem um telefone. Olho o relógio e vejo que são quase cinco horas. Aproveito para ligar para casa. Não me importaria nem um pouco em acordar o folgado do Sander. No quinto toque, ele atende com uma voz de sono.

– Alô. Quem é?

– É o Aranha. Eu não tinha falado para só atender após o décimo toque?

– Ah meu, nem lembrava.

– É importante. Não quero você atendendo outros telefonemas. Coisas estranhas vem acontecendo e pode ser perigoso, entendeu? Só atenda depois que soarem dez toques.

– Tá bom, mano. Já que é importante pra você.

– É importante. Como está tudo por aí?

– Escuro. De noite ainda.



– Nenhum outro telefonema? Algum sinal da minha filha, Clara Bella?

– Não. Nada.

– OK. Não esqueça. Dez toques.

Desligo o telefone me questionando se foi boa ideia deixar alguém como o Sander responsável pela casa. Com certeza não foi. Me sento na cama, tiro o sapato e retiro o artigo sobre os alissensofistas da mochila. Releio com calma e me prendo ao seguinte trecho: “as comunidades são de difícil acesso e, apesar de muito pacíficos, eles podem se tornar agressivos se alguém não praticante tentar entrar em seu território sem autorização prévia. Os alissens muitas vezes são taxados de seita, culto ou sociedade secreta. Sabe-se que em suas comunidades existe meditação, contemplação e cânticos que exaltam a natureza e a Forma Criadora, que é representada por uma Araucária com um olho egípcio no centro do tronco, e que acabou por virar também o símbolo alissem. Fora isso, seus hábitos ainda são misteriosos e pouco se sabe sobre o que acontece dentro das comunidades”.

Agressivos quando um não praticante entra na comunidade? Reflito que minha missão não será assim tão fácil. Abro o frigobar e tomo uma água. Aproveito também para tomar uma ducha bem quente e com bastante pressão. Nota dez para a Pousada Redivo, onde tudo dá certo, onde as macieiras são generosas e, sobretudo, o lugar que é orquestrado pela senhora Cristina Coelho, a grande maestra, uma mulher para se conhecer mais a fundo. Escovo os dentes, visto uma roupa limpa e apago as luzes para dormir pouquíssimas horas antes do promissor café da manhã. Apago.

Minutos depois, na cama, sonhando sonhos intermitentes, sou acordado por uma batida na porta.



# 10.

## QUE NEM UM MENTECAPTO TARADO

Minutos depois, na cama, sonhando sonhos intermitentes, sou acordado por uma batida na porta.

Cris Coelho? Não seria nada mal poder apreciar de sua companhia. Sou péssimo para reconhecer flertes, porém, tenho a impressão que haver recebido olhares provocantes por parte de Cris. Levanto tonto, me olho no espelho e passo a mão para ajeitar o cabelo. Abro a porta. Não há ninguém. Será que sonhei com a batida? Não importa, volto para dormir o sono dos justos. “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês”

Após mais algumas horas entre sonhos desconexos, que migravam velozmente de estação, acordo com o cheirinho de serra, que é possível se sentir mesmo desde a subida. Acredito que a essência seja lenha queimada com toques de eucalipto. O odor agradável, junto com a recordação do final da noite anterior me fazem despertar com bom humor, o que não é tão normal. Fico empolgado para o café da manhã com as suculentas maçãs do pomar. Fico entusiasmado para rever Cris Coelho, que, por um triz, não caiu na teia do Aranha. Uma teia velha e pouco aderente, porém, acolhedora.

Saio do quarto, caminho pelo corredor e passo para a área externa. Vou seguindo as placas que indicam o restaurante e me arrepio novamente com os porcos de Orwell. “Já naquela altura,



depois de tanto abuso, era impossível distinguir homem do porco” – cito para meu sistema nervoso.

Chego no local onde supostamente é servido o café da manhã. Encaro o buffet e relembro a frase de Cris sobre o café ser o ponto forte. A mulher deve ter pouca referência sobre a refeição matinal, pois aqui encontro apenas pães de formas, biscoitos de maisena, uma geleia com aparência duvidosa, margarina, água, café preto, e um suco que pelo aspecto deve ser de suco de pozinho com aquela quantidade generosa de aditivos químicos. Cadê os ovos mexidos, o bacon, as frutas e o iogurte natural? Olha que não estou pedindo um croissant ou pain au chocolat. Me sirvo de café e fico reticente em deslizar a geleia no pão, porque margarina eu me recuso. Resolvo arriscar. Geleia ruim, mais doce do que açúcar concentrado, e café insosso. Engulo um par de biscoitos pois preciso seguir viagem de barriga cheia.

Ao sentir falta do bacon, me lembro dos porcos da entrada, que me fazem recordar o pomar. O pomar! Cris falou sobre a possibilidade de colher maçãs para serem comidas com canela. Caminho em direção as macieiras com esperança, entretanto, percebo que as frutas ainda não estão maduras. Observo com atenção e vejo uma única maçã vermelhinha, pronta para ser abatida, escondida entre um galho e uma folha. No momento que vou arrancá-la, escuto um grito rouco.

– Nãããooo. Não pode! Quem te autorizou a vir aqui? – diz um homem rude, vestindo um uniforme bege com um chapéu de palha.

– Perdão. Foi a senhora Cris Coelho.

– Senhora quem?

– Senhora Cristina Coelho – repito.



– Não têm nenhuma senhora Coelho na Redivo – diz o homem, sem paciência.

– Como não? Fui atendido pela gentil mulher ontem à noite durante minha chegada na recepção.

– Deve ser alguma funcionária temporária. De qualquer maneira, as maçãs não devem ser arrancadas. Ainda mais que não é época de colheita.

Peço desculpas novamente e retorno para o restaurante para mais uma xícara de café aguado. Me sinto incomodado, primeiro por uma certa grosseria do sujeito e segundo pelas informações errôneas de Cris, que, por sinal, parece conhecer e frequentar a pousada tanto quanto eu. Ao sair, tenho a sensação de ouvir o homem morder uma maçã. Seria a minha maçãzinha? Já não importa mais. Tudo que eu penso é em sair daqui o mais rápido possível antes que os porcos tiranos comecem a andar sobre duas patas.

Vou para a recepção e peço a conta. Sou atendido pelo homem grosseiro que chamou minha atenção no pomar. Seu chapéu de palha não combina com o uniforme bege, além do fato de gerar dúvida se ele é ou não careca, como se isso importasse alguma coisa. Peço a conta e me assusto com as cifras equivalentes à de um hotel cinco estrelas all inclusive no Caribe. Isso que dá contratar um serviço sem antes perguntar o preço. Não é a primeira vez que me ocorre. Como é mesmo o ditado sobre errar uma vez e persistir no erro?

Saio para buscar a Georgina e a encontro arranhada no lado esquerdo. Por que alguém faria isso? Cris Coelho foi só elogios com a moto. Já o idiota do uniforme bege pode ter se vingado da minha incursão para tentar comer a maçã proibida do Jardim do Eden. Babaca! Como sou covarde e tenho medo de brigar, monto na vespa e parto em direção a serra. Depois posso



ligar para o hotel e passar um trote. Poderia ligar e ficar gemendo que nem um mentecapto tarado.

Bem no comecinho da serra, antes de começar a parte mais dura da subida, paro em uma loja de conveniências e tomo um café. Este vem bem melhor e mais concentrado do que o a da Redivo. Aproveito para perguntar para o vendedor se ele conhece “algum lugar” sinalizado nesse folder. Ele faz que não com a cabeça. Eu insisto:

– Repare bem. Tem uma Araucária com um olho egípcio no centro do tronco.

– Querido. Aqui temos uma Araucária por metro quadrado.

Mas não com um olho egípcio no centro do tronco, seu torpe – irritado, penso, mas guardo para mim. Apenas agradeço e sigo meu caminho com a moto arranhada.

Tenho me sentido um tanto colérico. Moto arranhada, hotel de péssimo custo-benefício e faltas de gentileza corroboram para o sentimento. Aproveito um banco rústico do lado de fora da loja para me sentar e esvaziar a mente olhando dois cachorros brincando. Parecem ser de raça. Border Collies, quem sabe. Um branco e preto e outro branco e marrom. O com marrom é dominante, e lidera a brincadeira de correr com um pequeno galho na boca provocando o outro, que corre atrás latindo, mas com dificuldades de obter o graveto. Eles correm por um pátio amplo e arborizado, e nenhuma das árvores por aqui é uma Araucária. Vendedor rude.

Percebendo meu interesse pelas atividades caninas, um senhor se senta ao meu lado. Ele é magro, tem um resto de cabelos grisalhos, a pele bem enrugada e usa um moletom três números maior que ele, com uma estampa de propaganda política. Puxa





um papo sobre os cachorros. Pergunto se são dele e ele responde que “às vezes sim”. Estranho. Depois pergunto o nome dos cachorros e ele diz:

– O preto e branco é o José Inácio. O outro lá, o marrom, chama Marrom mesmo.

– José Inácio e Marrom?

– José Inácio e Marrom – ele repete lento, com um sorriso banguela no rosto.

Meu leve TOC me faz questionar porque um deles tem o nome pomposo e outro um nome tão preguiçoso.

Ficamos em silêncio observando por um tempo observando os cachorros até que eu pergunto, do nada e sem rodeios.

– O senhor já ouviu falar de uma comunidade Alissem no Rio do Rastro?

– Já sim senhor – responde de bate pronto.

Hummm. Interessante. Uma resposta que eu não esperava. Lhe passo o folder e prossigo:

– Essa aqui desse folder. Sabe onde fica?

– Sei sim senhor. Não é difícil achar. Sobe a serra todinha, vai seguindo pela SC 390, passa pelo Rio do Rastro Eco Resort, pela subestação Parque Eólico, até sair a esquerda na Governador Ivo Silveira. Aí é seguir reto até o Cambajuva. De lá, em dois minutos, você chega no seu destino.

Realmente muito interessante. Passo para o senhor o mapa e a caneta vermelha.



– O senhor poderia circular aqui no mapa onde fica? Sou ruim de decorar informações e poderia acabar parando em outro lugar.

Calmamente, o senhor pega o mapa, aproxima a uma distância de dez centímetros dos olhos e faz um círculo no local onde espero encontrar informações sobre Ernesto. Não posso deixar Madalena sem o Ernesto. O homem faz um segundo círculo.

– E aqui é um restaurante onde servem a melhor truta da serra. Pede a com molho de laranja. Fala que foi o Seu Vaguinho que indicou que vão te dar um desconto.

– Sem palavras para agradecer, Seu Vaguinho. Encantado em te conhecer. Sou o Alfredo Aranha, mas pode me chamar de Seu Aranha.

– Seu Aranha – ele repete, com o simpático sorriso banguela.

– A propósito, Seu Vaguinho. Sem querer abusar do senhor. O que posso esperar da comunidade Alissem?

– Da comunidade Alissem?

– Sim, da comunidade Alissem?

Seu Vaguinho pega um graveto no chão e lança para o Marrom, que é interpelado por José Inácio. Na sequência, se espreguiça, ajeita para trás os poucos cabelos que lhe restaram e conclui:

– O olho que tudo vê – diz o Seu Vaguinho.



# 11.

## IRMÃOS SIAMESES ROMPENDO CURVAS SINUOSAS POR ENTRE A NÉVOA

**– O olho que tudo vê – diz o Seu Vaguinho.**

Não é a primeira vez que eu escuto essa resposta, que, confesso, me traz certo arrepio. E, aposto que não vai ser a última. O senhor se levanta, se espreguiça, me olha com um sorriso entre simpático e enigmático, e sai andando pelo acostamento. José Inácio e Marrom vão acompanhando o homem, zigzagueando ao longo do caminho.

Não me resta muita alternativa senão começar a subida pela Serra do Rio do Rastro, de que tanto ouvi falar, mas que ainda não tive o prazer de conhecer. O mapa traz um pequeno parágrafo dedicado a falar da famosa subida:

“A Serra do Rio do Rastro é conhecida por sua estrada sinuosa que se estende por 16 quilômetros e é considerada uma das estradas mais bonitas do mundo. Foi construída na década de 1950 e conta com 284 curvas acentuadas, em meio a uma paisagem de cânions, montanhas e vegetação exuberante. É um conjunto de montanhas localizada no município de Lauro Muller e um importante corredor ecológico, abrigando diversas espécies de flora e fauna nativas da Mata Atlântica, algumas delas ameaçadas de extinção.”



Animado por desfrutar de seus encantos, visto o capacete e dou partida na vespa. Vou dirigindo com cuidado devido as curvas sinuosas. O tempo está bom, o que facilita a missão. A estrada é realmente encantadora, e quanto mais vou subindo, mais vou ficando admirado com sua vista. Não estou contando as curvas, mas imagino estar perto da metade. O encantamento com a paisagem dá lugar a um certo receio, pois a coisa ficou mais alta do que eu esperava. Não que eu tenha medo de altura, porém, qualquer descuido aqui pode ser fatal e o precipício vai andando de mãos dadas comigo a todo o momento. Vou pilotando ainda mais devagar e sinto a mão suar contra o guidão.

Chego num ponto que evito ao máximo olhar para a direita. Vejo pássaros grandes voarem por entre os cânions, dentre eles, urubus. Penso nas espécies ameaçadas de extinção e reflito que se não dirigir com o máximo de cuidado possível, o Aranha pode acabar sendo a próxima espécie extinta.

O tempo que estava bom resolveu me pregar uma peça. Uma neblina fortíssima desceu mais rápido do que um homem fazendo salto ornamental. Agora, literalmente, dirijo entre as nuvens. Aperto a Georgina como se nós dois fossemos um único corpo, como irmãos siameses rompendo curvas sinuosas por entre a névoa. Vou seguido uma caminhonete branca como minha referência, mantendo a mesma velocidade para não a perder de vista. Ela agora é minha guia e através dela sei se a curva é para a direita ou para a esquerda. Já não se é possível mais contemplar a bela e assustadora vista de sua geografia acidentada.

Noto que percorro as últimas curvas, e vou sentido o frio mais gelado, típico de alto da serra. As curvas vão ficando para trás e a neblina vai dando uma aliviada. Eu também me sinto aliviado. O desfiladeiro foi vencido. Desafrouxo a mão do guidão, que estava quase grudada, e faço um carinho na lateral da Georgina como se ela fosse um cavalo, essa vespa valente que em



nenhum momento vacilou. Juntos, chegamos ao topo. Encosto a moto no acostamento, tiro o capacete e respiro profundamente. Celebramos nossas vidas. Antes de retomar o trajeto, vejo a marcação da sugestão de restaurante no mapa. É só continuar reto que vou chegar.

Em poucos minutos, após percorrer um caminho tranquilo, chego ao tal restaurante circulado pelo Seu Vaguinho. Ele se chama Rei da Truta. Sempre existe um lugar chamado rei de alguma coisa. Rei do bacalhau, Rei das tintas, Rei do siri, Rei das telhas. Quando se coloca rei antes de qualquer palavra, naturalmente cria-se uma alta expectativa. O garçom, muito simpático, me convida para sentar e já me passa imediatamente o cardápio. Percebo que existe uma infinidade de receitas de truta, mas resolvo procurar pela indicação do meu amigo. Não sei bem o porquê, mas meu instinto o sinalizou como um homem confiável. Deve ser pelo seu entrosamento com os cães. Procuo a truta com molho de laranja no cardápio e a vejo como recomendação do chefe. Ela acompanha arroz com amêndoas e brócolis ao alho. Melhor que isso, impossível. Faço o pedido e recebo de volta o comentário “excelente escolha” por parte do garçom.

Ele me serve pão com manteiga e dois pequenos pasteis de queijo como couvert. Queria pedir uma Heineken, mas como estou dirigindo, me contento com uma Coca-Cola com gelo e limão. Não demora muito para chegar a truta. Carnuda, bem temperada, com o molho agridoce, o arroz solto e saboroso, e o alho torrado que deu o toque certo para os brócolis no azeite. Vida longa ao Rei das Trutas! Peço a conta, agradeço o garçom e falo que foi indicação do Seu Vaguinho, quem ele jura desconhecer. Dou detalhes sobre o homem e menciono os Border Collies José Inácio e Marrom. O garçom, que mencionou trabalhar na casa há doze anos, disse não se recordar de nenhum sujeito parecido.



Resolvo ousar e perguntar sobre a comunidade Alissem. Ele torce o nariz como se eu tivesse falando de algum crime. Pago a conta, deixo uma gorjeta e sigo para a próxima parada, a tal comunidade.

Confiro mais uma vez o mapa. Devo passar o Parque Eólico e pegar a esquerda na rua Governador Ivo Silveira, conforme orientou meu amigo. Vou pilotando e sentindo a diferença de temperatura no topo da serra eriçar meus pelos. Estou cada vez mais perto de conhecer mais os amigos alissensofistas. Sem sofrimento! – me lembro do que bradam os praticantes da dieta excêntrica. Reflito também que é por isso que eu gosto da minha profissão de escritor fantasma, justamente por poder fazer tudo da minha casa, sem precisar investigar nada, preferencialmente escrevendo e escutando algum bom vinil. Fico desgastado imaginando o que vou precisar fazer para entrar na comunidade, ou, que tipo de interação vou ter com as pessoas que integram a seita. Vamos ser sinceros? Não é nada de dieta. É uma seita. Se tem cânticos de exaltação e um símbolo de um olho da árvore, é uma seita. Nada contra seitas. Só as quero afastadas de mim.

Entro na rua do governador e sigo em frente. Passo o Hostel Cambajuva até entrar num terreno grande e cercado com muros altos, praticamente todos cobertos por trepadeiras. É uma grande cerca viva. Vejo uma única porta de garagem verde, quase mimetizada com as trepadeiras, mas não encontro nenhum interfone ou campainha. Tento circundar o terreno, mas a rua só passa pela frente. A valente Georgina não vai conseguir vencer o lamaçal e os galhos fora da estrada e tampouco penso em atravessar a pé. Meu lado aventureiro, que é raro aparecer, tem um limite. Não se dá para ter a noção exata do tamanho da propriedade, mas podemos dizer que é opulenta com seus muros altos e verdes. Daria para se construir um parque aquático, um



jardim zoológico ou uma fábrica da Heineken no local. Esta última, sem dúvidas, a melhor opção.

Fico um tempo percorrendo a extensão do terreno, tentando achar alguma pista, ou vendo se alguma ideia cai de paraquedas na minha cabeça de como fazer para entrar. Após um tempo de total insucesso, paro a moto na entrada no portão verde e faço o óbvio: bato no portão. Espero e nada acontece. Então bato palmas e grito “ô de casa”. Me sinto envergonhado. Tão envergonhado quanto na hora em que Babi convidou seu namorado Sander pro meu apartamento. Tomara que ninguém tenha me visto fazendo isso em frente a um portão colossal. Tento mais uma última batida e acabo por desistir de tentar entrar. Bom, pelo menos por agora.

A vontade é de voltar para casa e escutar o disco Getz/Gilberto, álbum meio jazz, meio bossa, lançado pela dupla em 1964. Mas não sou de desistir tão fácil assim.

Decido mudar a estratégia. Vou até o Hostel Cambajuva para me hospedar e ganhar tempo. O Hostel é pertíssimo da comunidade Alissensofista e vai me ajudar a, pelo menos, monitorar o movimento. Para minha surpresa, o lugar, que fica no meio do nada, é até interessante. A primeira impressão é que ganha de goleada da Pousada Redivo. O lugar é amplo, bem decorado, com espaços em comum e um estacionamento grande. Um grupo de uns quinze motoqueiros, desses que se vestem de jaqueta preta com caveira e possuem motos estradeiras, estão no local.

Me aproximo deles e vejo ser um grupo bem familiar. Reflito que devem ser senhoras e senhores do bem, já aposentados, que após cumprirem os anos de seus empregos enfadonhos, resolveram se unir para comprarem motos e roupas estilosas, para aí sim, poderem curtir a vida e a liberdade que só



a estrada proporciona. Tipo um universo de Malboro da terceira idade.

Consigo um quarto com a recepcionista do Hostel. Um quarto simples, porém, com tudo que preciso. Inclusive, um frigobar recheado com minhas verdinhas favoritas. Sinto agora a vida conspirar ao meu favor. Abro uma garrafa e aproveito o telefone para ligar para o homem com o próprio nome tatuado na testa. Sander atende no terceiro toque.

– Já falei que era para você esperar pelo menos dez toques.

– Ah tio. Relaxa. Ninguém liga aqui. Só você mesmo.

– Quer saber. Esquece os dez toques. Atenda quando você quiser – falo sem nenhuma paciência. – A propósito. Tudo certo por aí?

– Tudo firmão.

– Algum sinal da minha filha Clara Bella ou do Tato?

– Na verdade sim. Passaram aqui, pegaram umas coisas e vazaram. Ficaram menos de vinte minutos.

– E você falou alguma coisa com eles?

– Falei que era seu amigo, mas eles nem olharam na minha cara.

– Acontece, não é nada pessoal. Mais alguma coisa que deva saber?

– Acho que não, tirando que a geladeira está vazia.

Corto a ligação. Não tenho a menor paciência para Sander. Aproveito para tomar uma ducha e colocar em perspectiva tudo que aconteceu até aqui. Vou tentando encaixar os fatos e organizar os pensamentos, mas ainda sinto que está tudo nebuloso. O que o desaparecimento do Ernesto teria a ver com o





homem chamado Garça, que no último telefonema se denominou como o olho que tudo vê, um claro símbolo maçom? Ou, quem sabe, um símbolo alissensofista? Por que o Seu Vaguinho também comentou do olho? Como que a mulher do trote do gemido sabe meu nome e como me achou na casa da Madalena? Qual o envolvimento dela nisso tudo? Como estará Ernesto? E por que uma mulher como a Babi, mãos de fada, escolheu um desqualificado como o Sander? O que ele estará fazendo no meu apartamento? E por que diabos eu concordei com isso?

Ainda com os pensamentos desconexos e dando voltas, me seco, visto uma nova muda de roupa e vou até a recepção pedir informações. Um homem com o fenótipo normal, parecido ao meu, porém mais jovem, me atende. Sinto uma certa simpatia e reciprocidade na interação. Falo que sou um observador da natureza e pergunto se ele saberia dizer onde poderia comprar um binóculo. Se, quem sabe, poderia haver uma loja de camping nas redondezas. A propósito, me sinto péssimo assim que me apresento como observador da natureza, mas o homem parece não ligar. Ele faz uma breve pesquisa na internet e me informa que a loja mais próxima fica a mais de cem quilômetros dali.

Antes mesmo de exibir minha expressão de decepção, o homem de fenótipo comum me oferece um binóculo emprestado. Explica que quase ninguém o usa e que eu posso ficar com o objeto enquanto estiver hospedado. Sabia que ele me ajudaria, afinal, os homens de fenótipo comum tem algum tipo de fraternidade imperceptível aos olhos pouco treinados.

Em posse do objeto, agradeço, elogio o Hostel, e parto para uma refeição frugal. Peço um singelo queijo quente, que vem com o pão tostado na medida certa e um queijo serrano farto e bem derretido. É o melhor que se pode esperar de um queijo quente.



Como já é noite e o binóculo não é tão sofisticado a ponto de ter infravermelho, deixo a incursão para a comunidade Alissem para o dia seguinte. No quarto, envolto ainda no quebra-cabeça de pensamentos desencaixados, mato mais duas garrafas de Heinekens, escovo os dentes e aproveito para dormir o sono dos justos.



Acordo descansado. Uma noite agradável, mesmo tendo sonhado uma porção de sonhos que já não recordo. Tomo mais uma ducha matinal e vou fazendo força para ver se me lembro de parte de algum dos sonhos, quem sabe daí não sai alguma dica. Lembro em algum momento de uma mulher importante, como se fosse presidente de alguma coisa. Tenho a lembrança de alguns momentos lascivos, mas está tudo muito longe. É impressionante a capacidade quase imediata que temos de esquecer dos sonhos ao acordar, mesmo que eles tenham sido muito vívidos. Gostaria de recordar dos momentos lascivos, mas não me vem nada.

Me visto e vou para o restaurante do Hostel comer o café da manhã. Me sirvo de três pães de queijo e um prato com torrada, ovos mexidos e bacon. Para acompanhar, suco de laranja e café preto. É tudo de ótima qualidade no Hostel Cambajuva, mesmo seu nome não sendo de meu agrado. Sento ao lado de uma mesa com uns seis motoqueiros. Um CEO de empresa, um diretor financeiro e o outro gerente de produção. A senhora de óculos era diretora de RH. Das outras duas, uma é esposa do CEO e a última viúva de um político importante, porém de caráter questionável. Todos juntos agora pelos Abutres do Asfalto, compartilhando mais uma refeição aventureira. Óbvio que que acabei de inventar tudo isso.

Entre um pão de queijo e outro, lembro parcialmente de um sonho. Era uma espécie de portal, com uma espécie de guerreiro



defendendo sua entrada. Um ser meio humano, meio ogro, com uma boca gigante e três pernas. Segurava um porrete e sua expressão de poucos amigos davam a entender que ele não pouparia esforços para destroçar quem ousasse passar pelo portal sem sua completa autorização. Não lembro se cheguei a ter interação com o humanoide, mas me recordo de uma sensação inusitada. De um certo receio em avançar cada pequeno passo.

Me sirvo da última xícara de café e embrulho um queijo quente em um guardanapo. Certamente o queijo vai grudar no papel e vou acabar comendo um pouco de guardanapo, mas tudo bem. Quem nunca? Piloto a vespa até um ponto próximo a comunidade para que eu possa fazer vigília, sem ser visto. O ponto fica na metade do caminho entre o Hostel e os Alissens. Estaciono atrás de uma árvore e subo em seu tronco com uma certa dificuldade. Nunca foi bom nisso, mas a árvore é baixa, troncada e de fácil acesso. Uma criança de cinco anos subiria com mais facilidade do que eu. Dou início a minha vigília.

Quarenta e cinco minutos observando nada acontecer pelo binóculo. Mesmo sem fome, o tédio me direciona para comer metade do queijo quente. Umas mastigadas vão ajudar a trazer movimento. No final das contas, eu estava certo sobre comer um pouco de papel. Termino e embrulho a outra metade para o próximo momento de ócio. Me espreguiço, observo algumas formigas que fazem um caminho pelo tronco, e retomo a observação.

Mais cinco minutos e nada acontece. Dez. Quinze. Trinta minutos. É difícil ficar olhando um portão por muito tempo que não abre e nem fecha. Vou perdendo as esperanças quando vejo alguém se aproximar. É alguém conhecido. Um homem com um cachorro. Um cachorro de três pernas. É o Boca, da loja de tênis, com o seu cão Tripé. Cachorro de três pernas. Boca. Humanoide



de três pernas e boca gigante defendendo o portal. Sinto vontade de soltar um grito.

Meu corpo quase perde o equilíbrio e derrubo meio queijo quente no chão.



# 12.

## NEM RICO, NEM TALENTOSO E TAMPOUCO INFLUENTE

Meu corpo quase perde o equilíbrio e derrubo meio queijo quente no chão.

Boca? Tripé? Por essa eu não esperava. Nunca reparei nos hábitos alimentícios do Boca, porém, não era o perfil que eu esperava para integrar a comunidade. Até porque ele parece muito bem alimentado para quem vive de sol e água potável.

Tudo bem. Vou digerindo que o Boca está no local, e que, se ele não estiver por lá tentando vender material de tênis para os alissens, ele pode ser um praticante da dieta, ou, melhor dizendo, membro da seita. Mas o que fazer com essa informação? Como isso vai me ajudar a entrar? Não tinha planejado a próxima parte. O Boca entrou se postando em frente ao portão e esperando, o que me leva a crer que eles devem possuir algum tipo de câmera para liberar a entrada.

Desço da árvore, monto a Georgina e vou parar em frente ao portão verde. Me posiciono exatamente no mesmo local que meu funcionário ficou. Fico parado encarando o portão, mentalizando que ele vai se abrir e... bingo! O portão se abre.

Uma mulher está a minha espera. Uma jovem bonita, de cintura fina. Calculo vinte e poucos anos, mais para vinte e cinco do que para vinte. Essa sim atende minhas expectativas do que



imaginei ser uma praticante alissensofista. Bem magra ao estilo modelo, só que um pouco mais baixa para os padrões da passarela. Cabelos pretos ondulados, nariz arrebitado, feições delicadas e uma tatuagem de mandala na mão direita, além de outras tatuagens difíceis de entender pela pele queimada de sol. Usa um piercing na sobrancelha e diversos anéis. Um dos anéis é em forma de golfinho e outro de aranha. Aranha?

Ela faz uma saudação de boas-vindas e, sem falar nada, me convida a entrar com um sorriso no rosto. Olho para os lados e para trás, como se fosse a última vez que pudesse olhar o mundo fora da toca dos leões, e dou cinco passos que me posicionam dentro de um universo que pouco entendo e que muito pressinto.

– Seja bem-vindo, Alfredo Aranha – ela diz, com uma voz que não me é estranha – estávamos te esperando.

– Obrigado. Você sabe o meu nome e eu não sei o seu.

– Luna La Traviata da Lua, mas todos me conhecem como Luna.

– Encantado, Luna – digo, pensando em quão esquisito é um nome que, além de ter um nome de ópera, tem duas luas no mesmo nome.

Ela sorri, pega na minha mão, olha bem nos meus olhos e diz:

– Hoje você começa por mim. Vou te mostrar algumas coisinhas.

A mulher muda a posição das mãos, dessa vez entrelaçando os dedos com os meus e me puxando para o que imagino ser uma espécie de tour. Sua mão é pequena e quente e, ao caminhar de mãos dadas com os dedos entrelaçados, penso que há tempos não pratico esse gesto tão íntimo com alguém. Enquanto vamos andando por um bonito gramado com um jardim de primeira



linha, vou tentando dissecar as partes do turbilhão de pensamentos que me habita. Ela sabe o meu nome e estavam me esperando. Ela usou o advérbio de tempo “hoje”, o que quer dizer que existem planos para mim que vão além de um único dia. Sua voz não me é estranha e tampouco o seu nome.

– Alfredo Aranha, aqui é uma área de contemplação, ou, zona de enlevo, como chamamos. Temos várias dessas por aqui. Nas zonas, além de observarmos os pássaros e natureza, podemos conversar e nos alimentar da maravilhosa energia solar. Lembrando que o uso de smartphones é proibido na biocenose.

– Nunca tive smartphone mesmo. A propósito... biocenose?

– É como nos referimos a essa comunidade. Biocenose, conjunto de espécies e suas populações vivendo em determinando ambiente.

– Zona de enlevo. Biocenose. Vocês têm vários nomes bonitos para as coisas.

– É parte do encantamento – sorri Luna, exibindo seus dentes grandes e bem alinhados.

A conversa toda se deu com os dedos ainda entrelaçados, o que me fez sentir que sua mão continua com a temperatura alta. Observo bastante gente bonita, bronzada, conversando ou tomando sol na zona de enlevo. A maioria com roupas leves ou com pouca roupa no corpo, o que não é comum para um lugar com mais de 1.400 metros de altitude. Existem muitos pássaros e borboletas no local, de todos os tipos e cores. Algumas pessoas estão acompanhadas de seus cachorros, mas não consigo encontrar nem o Tripé e nem o Boca. Tampouco vejo Ernesto. Observo uma fonte de água saindo de uma pedra com gente bebendo. De repente, vem um flash back da conversa com o Sander sobre uma menina da comunidade. “Uma mina chamada



Lara, ou Luna” – dizia ele. Seria a mesma pessoa? Melhor deixar pra lá. Ficaria completamente sem graça em perguntar se ela conhece um idiota como o Sander.

– Vamos conhecer mais. Acho que você vai gostar do que vai ver e sentir – diz a mulher sem nem cogitar largar da minha mão.

Sinto agora como ela se fosse a minha jovem namorada, hippie e milionária, me apresentando a casa de campo dos seus pais, um casal bem sucedido de empreendedores da área de tecnologia – coisa que nunca aconteceria comigo mesmo em outras encarnações.

Juntos caminhamos alguns metros até chegarmos a um local com diversas quadras esportivas.

– Nossa zona de entretenimento externa – diz Luna, me fazendo concluir que deva haver uma de entretenimento interna também.

Vejo duas quadras de vôlei de praia com areia e tudo, quatro quadras de tênis de saibro, duas de cimento de basquete e um gramado de futebol, que chutaria ter medidas oficiais. A margem esquerda do campo, uma pequena arquibancada de três níveis. Com exceção do futebol que não está acontecendo, a maioria das quadras está ocupada por homens e mulheres que parecem estar se divertindo. Será que existe alguma relação de Boca com o tênis? Será que ele veio vender os tubos de bolinhas?

Caminhamos mais, atravessamos a área de esportes e chegamos a um gramado amplo, com diversos tapetes espalhados com o pessoal praticando yoga. Diversas posições bonitas de se ver, mas que eu não faria nem se nascesse novamente.

– Essa é a minha atividade preferida. Se quiser podemos praticar juntos – diz minha namorada hippie, sem ter a mínima





noção de que eu prefiro fazer um tratamento de canal, do que enfrentar um tapete de yoga. Evito qualquer comentário para não parecer mal educado.

– Agora eu vou te levar até as igrejas – fala com um sorrisinho no rosto.

Igrejas? Seita, é claro. Sabia! – penso, satisfeito.

Seguimos de mãos dadas mais uns metros até que ela solta a minha mão. A coisa já estava ficando estranha e já estava começando a conjecturar que era sério o fato de que estávamos namorando. Quem sabe não é assim que as coisas aconteciam nas comunidades alissens? Um novo e potencial membro chega no portão e já é recebido pela namorada designada pelos superiores da seita? Confesso que não estava muito triste com a possibilidade. Ela segue na minha frente e vou acompanhando. Vou pensando em como ela sabia o meu nome, por que me abriram o portão, e qual o interesse em mim? Por que estou sendo tão bem tratado? Qual a utilidade de um cara como eu, de fenótipo normal, nem rico, nem talentoso e tampouco influente?

Luna La Traviata Lua para. Eu chego ao seu lado e ela me abraça, segurando com firmeza minha cintura. Sem saber muito o que fazer, timidamente, acabo por retribuir o gesto, e encaixo a mão em cima de seu quadril, na cintura firme e quente, tal qual sua mão. Me cai bem a temperatura corporal da Luna. Abraçados, procuro por alguma construção com formato de igreja, entretanto, tudo que vejo são pessoas meditando em cima de um desenho em círculo.

– Bem-vindo às nossas Igrejas. Nós, os alissensofistas, somos ecumênicos. O quanto você conhece sobre nós? Deixa pra lá – ela mesmo responde. – Eu te explico. Tem gente de toda religião entre nós, e respeitamos todas. Porém, por aqui, nossa igreja é o que exaltamos: a natureza. A força criadora. Essa



potência gigante, devastadora. Nosso maior bem, tão maltratado por nós, homo sapiens. Óbvio que a Igreja é a céu aberto e sem nenhuma construção. Poderia ser diferente disso? Aqui, apenas uma mandala no chão desenhada com pedras e galhos já caídos dos troncos, fornecidos pela natureza sem sofrimento.

“Sem sofrimento” – penso com meus botões.

– Não poderia ser diferente – respondo para ser simpático.

A conversa toda foi abraçado com minha namorada bi-lunar. Continuamos nessa mesma posição e, agora, aparentemente, estamos contemplando a Igreja, em silêncio. Posso observar as pessoas distribuídas por entre as mandalas. Muitas delas de mãos dadas, outras abraçadas, todas perfeitamente saudáveis e bem alimentadas. A turma da biocenose, pelo visto, parece ser bem corporal. Sem contar que a combinação sol e água potável parece ter um efeito fantástico.

– Vamos, tenho mais coisa para te mostrar.

Atravessamos as mandalas e não encontro nenhum rosto conhecido. Ao atravessá-las por completo, acabo por sentir um calafrio, como se fosse um presságio de que não estou muito longe de encontrar alguém.

Caminhamos juntos até chegarmos num pequeno declive. Luna desencana o abraço e volta a entrelaçar a mão com a minha. Essa alternância de carícias cada vez mais vai mexendo comigo. Será que eu me adaptaria a uma dieta tão restritiva? Olho para o horizonte e não consigo dizer onde acaba a propriedade. De fora, dá para se imaginar que o local é grande, mas só aqui dentro é possível se ter a real noção do imenso que é. Descemos pela grama e chegamos a uma nova zona de enlevo. Os alissens caminham felizes e desfrutam de uma generosa mesa de frutas. Peraí? Frutas?



– Eu sei o que você deve estar imaginando, Aranha. Aposto que você, como todos que nos julgam sem nos conhecer, acham que nos alimentados somente de sol e de água, não é mesmo?

Respondo que sim apenas com o olhar.

– Pois bem. Nosso lema é sem sofrimento. Sem sofrimento – repete enfaticamente. – Essas frutas não foram colhidas das árvores. As frutas caíram no chão, depois de estarem prontas, maduras. Não foram arrancadas. As plantas não sofreram, pelo contrário. Foram um presente da natureza para nos alimentar. Sábio é quem não desperdiça o que a natureza nos oferece.

– Realmente por essa eu não esperava. Desculpe pela minha ignorância.

– Que nada, Aranha. Ninguém de fora sabe sobre isso. Não queremos atrair qualquer um. Olhe bem para as frutas, estão todas maduras, muitas delas bicadas por pássaros ou compartilhadas com insetos. É a pura comunhão com a natureza. Para tanto, precisamos de um processo muito ágil para a coleta das frutas, assim como dos vegetais, para que não apodreçam até o consumo.

– Entendi. Sem querer ser arrogante ou inadequado... mas, partindo-se desse princípio, quando um animal morre de causa natural, ele também poderia ser consumido.

– Perfeito o seu entendimento, meu querido Aranha. Sem sofrimento tudo se pode. Temos fazendas alissens onde cuidamos muito bem dos nossos animais. Quando falecem, oramos por eles, e honramos suas vidas nos servindo de suas proteínas. Há algumas zonas de enlevo com churrasqueiras. Poucas, mas existem. Como você deve imaginar, pensando no tempo de vida de um animal que não é executado, acaba que não temos uma fartura de carne. Por outro lado, temos nossa consciência intacta.



– Churrasco sem sofrimento? Me parece bem sensato e interessante o conceito. Vocês possuem fazendas?

– Sim. Fazendas e algumas coisas mais. Não tenho acesso a todas as informações. Apenas sei que somos maiores do que muitos imaginam. Vamos continuar o nosso tour. Tenho certeza que você vai gostar da zona de entretenimento interna.

Como imaginava, havia uma zona interna. Mesmo assim, as palavras de Luna me causam certa apreensão. Sinto um novo calafrio eriçar meus pelos da nuca. Qual será o tipo de entretenimento interno? Seria eu, um tipo de porquinho em fase de engorda, que em breve será abatido? Todo esse tratamento VIP sem motivo aparente não pode ser boa coisa. Se eu morrer de morte natural, como num infarto, meu corpo poderá ser consumido pelos alissensofistas?

Vamos atravessando a zona de enlevo e meus olhos congelam na imagem de um rosto conhecido. O arrepio desce da nuca por toda a espinha dorsal.

Encontrei Ernesto.



# 13.

## PÁSSAROS, INSETOS E UMA FLAUTA TIBETANA

### Encontrei Ernesto.

Ele está de mãos dadas com um homem, assim como eu estou com Luna, num gesto bastante intimista. Um homem aparentemente de sua idade, porém calvo, com óculos de armação preta e aparência de intelectual. Quando nossos olhares se cruzam, ele solta a mão do careca cult e me olha com expressão de espanto. Eu, sem saber muito bem como reagir, também solto a mão de Luna, peço licença com delicadeza (pois sou educado com minha quase namorada), e caminho em direção ao marido da minha ex.

Chego até Ernesto e lhe dou um abraço meio desengonçado. Ele retribui o gesto ainda mais duro do que eu. Percebo nele um olhar com notas de constrangimento, além dos ombros encolhidos, de quem sabe que está aprontando, tipo um gato pego em flagrante ao roubar um pedaço de filé da churrasqueira. Cumprimento com um aperto de mãos o homem ao seu lado, que parece ser bem simpático, e tento amenizar a situação:

– Que bom que te encontrei e que você está bem.

Ernesto responde apenas com um sorriso amarelo.



– Não sei se é algo que você gestaria de ouvir, porém, como deve imaginar, Madalena está preocupada. Deveras preocupada. Preocupada ao ponto de me ligar para pedir ajuda.

– Eu precisava de um tempo. As coisas estão muito difíceis. Madalena é muito difícil. Precisava de um tempo para colocar os pensamentos em ordem. Tem muita coisa acontecendo comigo nesse momento e eu necessitava de coragem para fazer o certo.

– Entendo bem, principalmente sobre a parte que toca Madalena – respondo e lhe dou dois tapinhas no ombro. Esse sou eu fazendo o meu melhor para ser acolhedor.

– A propósito, esse é o Gabriel, desculpe por não ter apresentado antes – diz Ernesto, retomando o enlace de mãos com quem imagino ser o seu companheiro.

– Encantado – diz Gabriel. – Aproveitando sua ilustre presença. O que você sente quando escuta Águas de Março?

Suas palavras soam como a navalha afiada por Babi deslizando sobre o meu pescoço sensível. Por essa eu não esperava. Com um bug no cérebro, tento me recuperar do golpe para ir conectando algumas peças. Quer dizer que, Gabriel, o companheiro de Ernesto, e provável motivo pelo qual ele sumiu do mapa, é ninguém mais ninguém menos do que o homem chamado Garça?

– Garça? – respondo com os olhos salientes.

– Gabriel Garcia. Poderia ter sido apelidado de Gabo, mas sou conhecido como Garça, uma derivação do meu sobrenome dado pelos colegas de futebol do colégio. Um prazer te conhecer pessoalmente. Ernesto sempre falou muito bem de você e posso dizer que nossas conversas têm sido um alento nos meus dias estressantes.



– Gabriel Garcia. Que não é o escritor. Mais conhecido como Garça. O homem chamado Garça – repito para ganhar tempo de desenvolver qualquer pequena linha de raciocínio. – Quer dizer que foi Ernesto que passou o meu contato?

Ernesto me olha com cara de culpado.

– Sim – responde Gabriel. – Você sabe, né? Ernesto é mais do jazz. Apesar de Jazz e bossa nova terem muito em comum, eu precisava de alguém para conversar, um amante da bossa nova. No caso, você.

– Entendi – respiro e prossigo: – E esse papo de morro e de olho que tudo vê?

– Foi tudo combinado – interpela Ernesto. – Queríamos dar dicas para você chegar até aqui. Achávamos que esse poderia ser o lugar certo para que você conhecesse a verdade sobre a gente e, quem sabe, ajudasse a intermediar a situação com a Madalena. Resumindo uma longa história. Gabriel é meu cliente e nos conhecemos há um ano. Nunca tinha me visto em uma relação homoafetiva, mas Gabriel conseguiu me ajudar a entender algo profundo que estava guardado dentro de mim. Eu tenho um carinho gigante pela Madalena, assim como sei que você tem. Gostaria de contar com a sua ajuda para conduzir a situação.

– Confesso que por essa eu não estava esperando, mas sim, conte comigo. Acho que um rápido telefonema para a acalmar, dizer que está tudo bem e que em breve você explicará tudo, pode ser um bom primeiro passo – respondo e acabo me surpreendendo com minha própria serenidade. De fato, pareceu um bom conselho.

Ele faz que sim com a cabeça. Foi tanta coisa ao mesmo tempo, que praticamente esqueci da presença de Luna ao meu lado. Tratei de apresentá-lo ao casal, mas todos falaram que já se



conheciam. Eles riem com certa cumplicidade. Logo, ela me puxa pela mão e fala que depois voltaremos para aprofundar a conversa com Ernesto e Gabriel Garça. Que precisa antes me mostrar a área de entretenimento interno, e afirma que lá encontrarei outras peças importantes do quebra-cabeça que está sendo montado.

Ainda atordoado pelas recentes informações, apenas me jogo para cumprir o que quer o destino haja reservado para a minha pessoa. Deixo me levar pelo mar como se fosse uma anêmona itinerante.

Seguimos pelo gramado da tal “biocenose” até entrarmos em um imponente casarão. A casa, uma misto de arquitetura contemporânea com o estilo tailandês, chama a atenção por cômodos amplos e abundância de plantas nos jardins internos cobertos por vidros. Os interiores são banhados pelo sol e com acabamentos de concreto nas paredes e no teto. Subimos uma escada vazada de madeira tão larga, que podemos subir lado a lado, até entrarmos em um corredor ilustrado com fotos de desenhos de árvores em nanquim. Dobramos na terceira porta do corredor e sou convidado a entrar num salão que parece uma sala de terapias holísticas. A decoração é uma sinergia de elementos naturais, com móveis de madeira polida e tapetes tecidos à mão, criando uma atmosfera acolhedora. No centro, uma imponente cama king-size, adornada com roupa de cama e travesseiros brancos e macios, apresenta-se como o epicentro do relaxamento. Impossível não pensar no que pode e o no que não pode acontecer nesse lugar com a companhia da Luna La Traviata Luna.

Fico meio desorientado. Luna sai do quarto e logo volta para me passar um roupão branco e uma xícara de chá quente, provavelmente de alguma erva que morreu de morte morrida. De qualquer maneira, o gosto é bom. Ela acende algumas velas, incensos perfumados e apaga a luz, instruindo-me a relaxar até





ela voltar para o início da terapia. Seria parte do processo de engorda do porquinho receber uma massagem tântrica? Agora já é tarde demais para voltar atrás. Despojo-me das vestes, as deixo cuidadosamente dobradas sobre um aparador, e sento-me na beira da cama, aguardando. Espero um tempo, me levanto, finalizo o chá observando a paisagem da janela que dá para montanhas verdes com araucárias, e retorno para o mesmo lugar. Sinto o tempo demorar mais do que o normal para passar.

Impregnado pelo aroma das velas e dos incensos, não consigo me concentrar para refletir sobre todas as informações recebidas até então. Não tenho força mental e opto por conectar o quebra-cabeça mais tarde, já em posse das novas informações que parecem não tardarão a chegar. Por hora, apago a existência de Ernesto, Madalena, Garça, Boca e companhia. Resolvo deixar-me envolver pela atmosfera relaxante e reconfortante, permitindo que o momento presente tome conta do meu ser, preparando-me para absorver o que está por vir. Se vão abater o porquinho depois, que o façam, não me importo. O agora é o agora. Direciono o meu foco para os feixes de luz e cada aroma de incenso, entregando-me ao presente com uma serenidade inesperada diante do desconhecido.

Sinto meu corpo bem relaxado quando a porta se abre. Uma sensação de derretimento se dá quando Luna entra também de roupão e veda minha visão com um tipo de máscara para dormir. Nem questiono, apenas obedeço. As luzes se apagam imediatamente para mim. Mergulho em uma escuridão suntuosa quando minha audição é surpreendida por uma música instrumental, com sons da natureza. Pássaros, insetos e uma flauta tibetana. Cada nota parece acariciar meus sentidos, conectando-me a sinfonia de contemplação. Luna direciona meu corpo para que eu me deite no centro da cama. Com delicadeza,



meu roupão é removido. Sinto o tecido macio da cama conectar com a minha pele e escuto a porta abrir e fechar.

Começo recebendo uma massagem nos pés. Meu batimento cardíaco dá uma leve acelerada quando percebo serem duas mãos em cada pé. Temos a companhia de uma terceira pessoa na sala, porém, meu cérebro evita impor uma especulação sobre quem seria. Cada dedo do pé é tratado com cuidado e individualidade. Quando Luna passa de um dedo para o outro, a pessoa ao lado também alterna o dedo, proporcionando uma espécie de tratamento simétrico. Pelo tamanho da mão e sensibilidade ao toque, presumo ser uma mulher. Com as mãos cobertas de um óleo morno, as duas agora avançam pelas pernas, massageando meu fluxo sanguíneo com movimentos do calcanhar até a coxa. O movimento vai se repetindo cada vez com mais intensidade. Mesmo derretido e quase sem força cerebral, reparo que há algo diferente numa das mãos.

Agora elas avançam para as minhas costas. Começam por baixo, com as mãos deslizando pela região lombar, como se desenhassem suavemente círculos relaxantes, transmitindo uma percepção de alívio progressivo. À medida que alcançam as nádegas, o toque se torna mais firme, emanando uma sensação de liberação gradual da tensão acumulada. Vão ascendendo pela espinha dorsal, vértebra por vértebra, até chegarem à nuca, que é atendida com calma e cuidado. A sensação de relaxamento se intensifica, e cada músculo parece render-se aos toques habilidosos e compassivos. Posso ouvir a respiração baixa e quente das mulheres.

Da nuca, as mãos vão para o trapézio e pelos ombros até as deltoides. Os movimentos vão e vem por essa área, enquanto a flauta tibetana se funde com o sopro umedecido das massagistas. Mesmo derretido, tenho um lampejo de que falta um dedo



mindinho a uma das mulheres. É Cris Coelho, a mulher da pousada Redivo – informa meu cérebro.

Cris Coelho e Luna Lua são as massagistas que se dedicam aos meus braços e, finalmente, às mãos, também tratando dedo por dedo em sincronicidade. A música acaba e dá a vez para um nova. Sai a flauta tibetana e entram sons de cachoeira e sinos, com um ritmo mais intenso e uns vocais femininos, meio tribais. A massagem esquenta e ganha uma vibração corporal, com as duas apoiadas com o corpo inteiro sobre minhas costas. Posso sentir os bicos dos seios deslizarem sobre todo meu corpo, espalhando o óleo.

Tenho a sensação de que minha alma está prestes a abandonar meu corpo. Posso sentir as mulheres por inteiro. Suas peles macias, os seios rígidos e os cabelos finos que causam arrepios ao deslizarem pela minha pele. As respirações se intensificam, as delas e a minha. O ar é tomado por um clima sexual, com meu corpo transpirando e minha intimidade completamente enrijecida. É uma mistura de relaxamento total com uma excitação inevitável. A pressão das mulheres sobre meu corpo aumenta, e agora posso sentir os pelos pubianos e a quentura de seus órgãos genitais, que deslizam pelas minhas pernas. As mulheres se debruçam por completo pelo meu corpo e começam a respirar com profundidade nos meus ouvidos. Enquanto uma delas começa a lambe a minha orelha, a outra geme:

– Ãããããnnnn, ohnnnnn. Tá bom assim, Alfredo?  
Ãããããiiiiinnnnn. Você não percebe?

Apago por completo.



# 14.

## O ÚLTIMO ACORDE DE UMA BOSSA NOVA RESSENTIDA

### Apago por completo.

Me vejo imerso na escuridão. Já não sinto mais o aroma de incenso e nem escuto os sons da natureza com os vocais tribais. É como se o quarto tivesse perdido as paredes e a cama agora flutuasse em algum lugar na estratosfera. Lentamente, as sensações corporais se dissolvem, diluindo-se na escuridão o último acorde de uma bossa nova ressentida. O incenso, antes um perfume acolhedor, agora é uma lembrança fugaz. Os sons tribais se desvanecem, como ecos distantes. No vácuo que se instaura, o quarto se transforma numa cápsula flutuante, uma ilha solitária na vastidão silenciosa do cosmos.

Fico na cama contando estrelas, que vão descendo em minha direção até se transformarem em vagalumes. Os amigáveis insetos vão formando desenhos como se fossem pequenos drones. Uma estrela, um coração, um olho egípcio, uma garrafa de Heineken. No reino onírico, as constelações se rescindem e se recompõem, tornando-se luzes efêmeras dançando ao meu redor como num balé celeste. É como se a noite se tornasse uma pintura vivente, um espetáculo particular destinado apenas a mim, neste espaço etéreo, numa dança cósmica. Apenas para mim. Para mim.

A cama some e dá lugar a uma espessa teia de aranha. Seus fios de seda foram esculpidos de uma milenar fibra proteica,



capaz de sustentar sua estrutura, mesmo que no vácuo. Em meio a esta rede de arquitetura divina, encontro-me no epicentro, imerso nos filamentos entrelaçados, testemunhando o transcendente encontro entre a fragilidade humana e a força imortal da natureza. “Sem sofrimento, sem sofrimento” – vozes começam a bradar. Gradualmente, os sentidos se reavivam, a dormência se esvai, e as extremidades retomam sua função perdida, como se cada movimento fosse um ressurgir dos laços que me prendiam ao enigmático emaranhado. Me sinto mais potente. Sou eu, Alfredo Aranha, quem reina nessa teia.

Porta e paredes retornam ao lugar de origem e a teia se funde com a cama. Deitado de barriga para cima, experimento os movimentos contínuos de uma mulher, indo e voltando sobre mim. Entrelaçamos as mãos e vejo seus seios delicados balançarem na altura do meu rosto. Da janela, um feixe de luz ilumina sua pele suada, que brilha enquanto ela coreografa seus movimentos lascivos. Ela geme. Seu gemido me faz retomar a revelação que tive antes de apagar. Se o Gabriel é o homem chamado Garça, a mulher que me possui nesse instante, Luna Lua, é a mulher do gemido. Aquela que me recepcionou com tanto afeto na minha chegada à comunidade Alissem e que há um tempo me passava trotes. Praticamente, minha nova namorada.

Meus sentidos ainda não estão totalmente confiáveis. Tenho a sensação de escutar bossa nova, o Morro não tem vez, como sugerido em algum momento pelo homem chamado Garça. Mas pode ser apenas uma música contemplativa, com acordes que remetem a parceria de Tom com Vinicius, a mais bem sucedida do universo musical brasileiro. Me sinto tonto, com desejo, com volúpia, porém confuso. Tento focar a visão no rosto da mulher que vem e vai e vejo Cris Coelho, a recepcionista do mindinho faltante. Cris morde os lábios e me encara com profundidade à medida que intensifica a pressão dos



movimentos. Ela aperta as minhas mãos e pressiona os seios contra a minha face.

Fecho os olhos tentando conter qualquer ato precoce. O cheiro do quarto muda para um aroma antigo, com notas de baunilha, um aroma familiar da alguns anos atrás. É um perfume chique, quase que inapropriado para um homem de fenótipos tão comuns quanto os meus. A mulher diminui o ritmo e afrouxa as mãos, parecendo estar ali num momento de descanso. Abro os olhos e vejo Madalena. Faz tempo que não transamos. Nunca foi muito o lance dela, mesmo quando começamos a namorar. No seu rosto, um olhar de quem está apenas por cumprir tabela. Parece estar pensando em qual esmalte vai escolher quando for mais tarde pintar as unhas. Ela sempre andou com unhas impecáveis.

Me sinto meio desconfortável com a situação, uma emoção que se repetiu algumas vezes no passado, nas raras ocasiões que compartilhamos nossa intimidade. De repente, a coisa muda de padrão. O ar é tomado por um quê de novidade e os seios que tocam o meu rosto se amplificam, triplicando de volume. Fico admirado com os mamilos largos e quase arroxeados, que me convidam a sugá-los com veemência. As mãos da mulher vão parar no meu cabelo, que acaba sendo remexido e puxado de um lado para o outro. Do teto, parece cair um pó amarelo, com pequeninas estrelas, como se fosse poeira estelar ou pó de fada. Babi sorri. Seu sexo é quente e terno. Seus pelos pubianos fartos como os seios. Nos encaramos com cumplicidade enquanto vou aproveitando os movimentos delicados de Babi mãos de fada. Não preciso dizer nada, nunca precisei. Ela sempre soube como eu gosto. Vou me animando e o coração vai esquentando enquanto sinto o sabor de orvalho outonal dos seus seios. Impossível não me apaixonar por Babi, principalmente por suas mãos habilidosas, capazes de coisas que a humanidade ainda não está preparada para saber.



Direciono meu olhar para suas mãos, as mãos de fada, porém, reparo em algo diferente do que esperava. As noto pequenas e levemente envelhecidas, com pintas e manchas de experiência. Definitivamente não são as mãos da minha barbeira favorita. Os movimentos evoluem para outro nível e começo a sentir um rebolado conhecido, de quem sabe o que está fazendo. Seu corpo firme comanda o ritmo dos movimentos peristálticos, tântricos, de dominância natural, indiscutível. O incenso volta a aromatizar o ambiente, assim como a flauta tibetana. O ritmo é perfeito e é quase impossível me controlar. Sinto outras mulheres nos observarem no salão, apreciando e aprendendo com a Aranha Rainha como é que se faz. Fixo meu olhar no dela e percebo na senhora Elisa as feições de uma deusa. Que privilégio é estar no lugar que ocupo, com o tratamento que recebo. A cadência chega a um nível indescritível, inimaginável para qualquer ser terrestre. Me tremo por inteiro enquanto ejaculo longamente. A teia se fecha como uma planta carnívora a saborear nossos corpos terrenos.

Volto a desmaiar.



Tic tac. Tic tac. Ouço um barulho de relógio. Abro os olhos e vejo apenas imagens desfocadas, entre tons de amarelo e laranja. Faço força, mas não enxergo um único relógio. Apago novamente.





Desperto aos poucos, com aquela sensação de “onde estou?”. Meu corpo parece cansado. Meu cérebro, confuso. Olho para os meus pés e vejo que estou de meias. Estou de calça e camiseta também. Noto que continuo na cama do salão da casa alissensofista em estilo contemporânea-tailandesa. Vou recuperando a consciência lentamente, como um pugilista na lona sentindo a névoa do nocaute se dissipar, emergindo da penumbra da inconsciência para encontrar novamente seus sentidos e forças. Sinto-me letárgico, ainda longe de estar pronto para uma volta ao ringue. Mexo os dedos das mãos e dos pés. Passo os indicadores esticando as sobrancelhas contra a testa. Inspiro e expiro. Repito.

As imagens dos acontecimentos recentes parecem ir retornando em flashes. A recepção de Luna, o encontro com Ernesto, as duas massoterapeutas. Vou me esforçando para recordar de toda a confusão erótica que veio a seguir, me questionando qual percentual foi realidade e quanto disso tudo foi apenas sonho. Sinto como se tivesse ingerido algum alucinógeno. Um doce sintético? Uma dose de ayahuasca? Um chá de cogumelos? Um chá! Tudo que tomei desde que cheguei à comunidade foi o chá de erva possivelmente não arrancada da natureza. Teria sido o chá batizado?

Foi Luna que me ofereceu o chá. Enquanto vou pensando nela, na mulher do gemido, e onde ela encaixa nisso tudo, escuto a porta se abrir. Entra a senhora Elisa. Não estava esperando encontra-la por aqui. Não tenho forças para me levantar, então permaneço no centro da cama e a cumprimento com um sorriso de boca fechada, de quem está um tanto quanto perdido.

Ela me olha em silêncio, com uma expressão que conjuga serenidade com sabedoria. Definitivamente não estava esperando encontrar com ela. Elisa se senta na lateral da cama com as pernas cruzadas em postura de lotus e a coluna perfeitamente esticada.





Ela desliza a mão até o centro do meu peito, coisa que geralmente faz em nossos encontros. De certa forma, o gesto me acalma.

– Está tudo bem? – ela pergunta.

– Parece que sim.

– Que bom.

Senhora Elisa continua me olhando profundamente sem descuidar da postura. Após um tempo de silêncio, pergunto:

– Posso fazer uma pergunta?

– Claro. Fique à vontade.

– Nós transamos?

Ela ri.

– Não da maneira que fazemos com assiduidade nas primeiras semanas do mês. Porém, de certa forma, posso dizer que houve sim uma conexão. Talvez mais profunda do que você possa compreender, pelo menos por agora.

– Que bom – respondo de maneira simples.

Teria tanta coisa para perguntar que me canso só de imaginar, então me contento em responder um singelo “que bom”. Sua voz é realmente bonita, parece muito a da Nara Leão. A senhora Elisa vai massageando o centro do meu peito, bem devagar, com uma única mão. O gesto vai me relaxando cada vez mais.

– Você vem muito aqui? – continuo meu breve interrogatório.

– Venho muito – novamente ela ri. – Praticamente moro aqui. Tirando a primeira semana do mês que fico em Florianópolis tomando conta da loja e resolvendo coisas



burocráticas, além, como você sabe, de te encontrar, o resto do mês fico por aqui. É lindo, não acha?

Sorrio concordando.

– Então você é o que podemos chamar de uma praticante alissensofista?

– Sim, com orgulho. Uma das primeiras. Tenho uma cabana aqui na biocenose. Um dia você vai conhecer.

– Vou gostar de conhecer – respondo.

O silêncio volta a imperar no quarto. Ficamos nos olhando por um tempo, com ternura. Sempre senti muita bondade nos gestos e intenções da senhora Elisa. O sentimento se amplifica nesse quarto. Dá para sentir a densidade que têm essa mulher. Apesar do jeito meigo, sua força é colossal.

– Sabe, Aranha, a prática da alimentação sem sofrimento é muito mais do que apenas uma dieta. Tem muita coisa profunda por trás. Coisas bonitas, nobres. E por mais que tudo possa parecer meio nebuloso nesse momento, você é parte disso tudo. É parte do todo. Um ingrediente fundamental no design perfeito da Forma Criadora. Você pode não entender ainda alguns porquês, porém, aos poucos, no tempo certo, gostaria de poder te explicar.

– Vou gostar de saber.

Senhora Elisa fica feliz e finaliza reforçando que sou um elemento fundamental da natureza e do que está se construindo por aqui. Beija minha testa com ternura e deixa o aposento.



# 15.

## MISTURA DE FOFOCA COM ESOTERISMO

**Beija minha testa com ternura e deixa o aposento.**

Fico deitado mais uns minutos na cama deixando as informações irem aterrizando, uma após a outra. Sou o controlador da cabine de voos das informações, autorizando que desçam no aeroporto da minha mente. O quebra-cabeça vai ficando cada vez mais complexo, com seus diferentes personagens e intenções. A presença da senhora Elisa foi uma surpresa e, por ainda estar digerindo, não autorizo sua descida para a pista de pouso. Deixo a aeronave ficar voando em círculos enquanto reflito que ela parece, de fato, se importar comigo. Por fim, pondero se eu não deveria levar o relacionamento que temos mais a sério. É tão bom o que temos. Será que se mudarmos não vai estragar?

Mesmo ainda não estando cem por cento, resolvo me levantar. Não dá para ficar nessa cama para sempre. Como já estou vestido, basta calçar os tênis e tentar lembrar o caminho pelo qual Luna me levou. A casa por fora já parecia grande, mas a percepção se amplifica após a entrada. Além disso, confirmo minha impressão de a decoração ser de muito bom gosto, com o uso abundante de elementos naturais. Vou seguindo na direção contrária dos quadros com árvores pintadas a nanquim. Noto que uma delas é uma araucária, com o olho egípcio ao centro. Me



aproximo para ver mais detalhes e percebo uma aranha na pupila do olho. Uma aranha? Uhhnn... curioso. Todas as outras árvores, de outros tipos, também vêm acompanhadas de olhos, mas nem sempre centralizados no tronco. Nenhuma delas com aranha no olho. Imagino que devem ter sido executadas por um artista alissensofista.

Desço a escada e encontro a porta de saída. Por sorte, está destrancada. Percebo que acabei por perder a noção do tempo. Não sei quantas horas, ou até mesmo dias, passei naquela cama vivendo tanto. Não consigo precisar se foram três horas ou três dias. Saio pelo gramado e sinto uma brisa gelada tocar o meu rosto. O dia está cinza e com uma leve neblina, dando a sensação de que estou envolto em um véu misterioso. Caminho pela paisagem da biocenose, por enquanto, sem enxergar ninguém pelos arredores. Vou tentando refazer o caminho de volta enquanto escuto o suave farfalhar das folhas ao vento.

Acredito haver chegado a uma zona de enlevo. Dessa vez, vejo gente. Como faz frio, é tudo mais silencioso e contido. As pessoas estão mais vestidas e o tempo parece assumir um ritmo desigual, mais lento e descompassado. Vejo Luna. Ela está abraçada a outro homem. Parece estar apresentando os espaços, tal qual fizemos juntos há poucas horas, ou, há poucos dias. Experimento uma ponta de ciúme, que se esvanece rápido como um relâmpago. Seria ela uma espécie de recepcionista tântrica de potenciais membros a serem convertidos? Será que ela também ligou gemendo para o sujeito? Nossos olhares se esbarram e Luna me manda um tchauzinho, com um sorriso atrevido no rosto, quase debochado.

Resolvo seguir meu caminho e passo pelas áreas de esporte. Uma figura conhecida que me remete muito ao homem dos cachorros, o tal Seu Vaguinho, assiste a uma partida de tênis enquanto pita um cigarro de palha. Ele foi fundamental com as



informações e me deu uma ótica dica de restaurante. A truta ao molho de laranja estava divina. Penso em ir agradecer, mas não tenho certeza se é ele mesmo. A neblina dificulta um pouco a visão. Avanço pelas quadras esportivas até a primeira zona de enlevo que visitei na minha chegada. O tempo está realmente diferente. Não somente a temperatura, como as noções de tempo e espaço.

Vejo minha filha, Clara Bella, junta a Tato. Os dois estão caminhando e conversando pelo gramado. Quando percebem que estou no local, aceleram o passo e desaparecem na neblina. Então foi pra cá que eles viajaram? Como pode, se os dois se entopem de tudo que é tipo de comida? Minha filha devora quantidades generosas de chocolates ao leite e biscoitos amanteigados, todos com sua devida dose de sofrimento. O que estariam fazendo por aqui? Com certeza eles não são praticantes de dieta nenhuma. Seria o acesso permitido a todo o público de maneira irrestrita? Entendo que sim. Afinal, estou por aqui.

Na tal zona de enlevo, a primeira que me apresentou minha ex-namorada Luna Lua, me sento na grama para tentar colocar os pensamentos em ordem. Uma missão árdua. Antes disso, dou uma olhada panorâmica para tentar encontrar Ernesto. Não o vejo. Nem ele, nem o Gabriel chamado Garça. Quisera eu ter uma nova conversa com Ernesto sobre sua experiência entre os alissensofistas e, também, para lhe ajudar com estratégias de como contar a verdade para Madalena. De qualquer maneira, é impossível ela não ficar ferida, o que me dá arrepios de saber que alguma (ou muita) coisa irá sobrar para mim. Uma conversa com o Garça também não cairia mal. Discutir sobre as sensações das Águas de Março ou sobre a beleza da Garota de Ipanema serviria para distrair meu cérebro confuso e inconclusivo.

Vou divagando sobre várias coisas aleatórias, sem conseguir me concentrar em nada. Até em Sander, o homem que



está na minha casa e que não liga para os toques do telefone, venho a pensar. O que ele estará fazendo neste exato momento? Será que continua na minha casa, dormindo no meu sofá? Aposto que sim. Será que se arrependeu de tatuar o próprio nome na testa? Aposto que não.

Em meio a desconexão mental, sinto um aperto no estômago e só então percebo que perdi a noção do tempo desde minha última refeição. A única substância que ingeri foi aquele chá peculiar, um possível responsável por coisas que não sei explicar. Me levanto e caminho em direção a uma mesa de frutas. Vejo maçãs, pêssegos e melancias cortada em fatias. Experimento um pouco de cada e fico com uma sensação esquisita. As frutas estão deliciosas, no ponto perfeito. Será mesmo que foram colhidas ao despencarem de suas árvores? Estranho!

Um cachorro vem em minha direção. Conto três patas. Atrás, uma figura familiar. Havia até esquecido que o primeiro conhecido que vi por aqui era o Boca. Meu funcionário da loja de tênis se senta ao meu lado no gramado e me cumprimenta com dois tapinhas no joelho. Repito o gesto.

– Olá Seu Aranha tudo bem eu tinha a sensação que te encontraria aqui em algum momento imagino que você deve estar pensando um montão de coisas não é mesmo? – diz Boca, me fazendo lembrar de sua completa falta de pontuação ao falar.

– Olá Boca. Interessante te encontrar por aqui.

– Você deve estar pensando o que eu estou fazendo por aqui e não fazendo na loja de tênis vendendo raquetes bolas e equipamentos não é mesmo?

– Confesso que estou pensando em tantas coisas que não cheguei a essa reflexão sugerida.



– É. Imagino que deva ser complicado mesmo. Muita coisa misteriosa e complexa. Eu, que já frequento aqui há um tempo, estou longe de entender tudo. Imagino você que recém chegou.

Repentinamente percebo uma mudança de entonação e pontuação na fala do meu amigo. Resolvo perguntar.

– Desculpa a pergunta, mas... Você mudou alguma coisa na sua maneira de falar?

– Na verdade não mudei. Sempre falei assim. É uma longa história. Na verdade, não tão longa.

– Não me importaria de ouvir – replico, curioso.

– Bom, é algo meio chato e espero que o senhor não se ofenda.

Apenas o encaro esperando a continuação.

– Sabe a loja de tênis? Pois bem. Não é um negócio muito lucrativo, como você pôde perceber. Por outro lado, existe um outro produto que faz sucesso nas vendas do clube.

– Outro produto? Qual?

– Ahhh... você sabe. Aquele produto natural que faz as pessoas darem uma relaxada. Tenho um com qualidade. Faz sucesso com o público do clube que quer relaxar depois do trabalho, ou até mesmo depois de uma partidinha de tênis.

– Sei – respondo meio chateado. – E qual a relação disso com a pontuação na fala.

– É que se você e Madalena ficassem indo com muita frequência, vocês poderiam acabar descobrindo no que consistia o negócio. Então precisava de uma maneira de... como posso dizer? Uma maneira gentil de afastá-los. Ninguém gosta do chato prolixo e sem pontuação.



– Então você vende...

– Sim.

– E falava daquele jeito para...

– Sim. Para não atrapalhar meus negócios.

Eu deveria ficar aborrecido, mas sem ânimo e com tanta coisa acontecendo, acabo por rir da astuta estratégia do Boca. Sem contar que Madalena vai ficar uma fera. Mais uma coisa para ela sofrer e vir descontar em mim.

– E o que você faz aqui? Você é um alissensofista?

– Não, também venho à trabalho. Vendo um montão aqui. Falo que sou o único fornecedor de uma erva que foi coletada quando o galho já caiu.

– E isso é verdade?

– Claro que não... Uma cannabis não se desprende do galho e vai parar no chão. Eu vendo a exata mesma erva que vendo na loja, que todos vendem, devidamente arrancada das plantas.

– E a turma acredita?

– Sabe como é, né? Eu finjo que engano e eles fingem que acreditam. Mesma coisa aqui com essas frutas. Você acredita nesse papo de que elas foram colhidas sem sofrimento? É só dar uma olhada na qualidade da fruta que chega. Tudo no ponto certo, nada estragado. A carne é sempre macia. Acha mesmo que foi de boi que morreu de velho?

Eu fico surpreso, olhando Boca prosseguir.

– No começo do lance aqui... nos primórdios mesmo, os que iniciaram. Isso pode até ser verdade. Pode ser que colhiam as frutas no pé da árvore e tal. Mas com a quantidade de gente que





chegou e que participa da comunidade, ficou impossível sustentar a turma toda. Os caminhões chegam diariamente. E, apesar de estarem com o selo alissem, duvido que seja de verdade. Para mim é balela. Todos desconfiam, mas ninguém quer pagar o preço de investigar a fundo.

– E por que?

– Primeiro porque ninguém quer comer fruta podre ou carne dura, saca? Segundo porque estamos falando de uma comunidade muito poderosa, mais do que você imagina. Com tentáculos espalhados por lugares inalcançáveis para gente como a gente. Escutamos falar de algumas coisas e mesmo assim pouco sabemos.

– E o que você sabe?

– Sei que são três níveis. O de simples mortais, como as pessoas que você está vendo por aqui. Como você e eu. O qual a líder é Elisa, sua protetora. Essa casta é chamada de “noz”, como de semente mesmo. Nós somos noz. Entendeu?

– Noz. Liderados pela senhora Elisa?

– Correto. Uma das fundadoras e líder dos noz. Acima tem a camada de incentivadores e doadores de alto valor. Esses são os Sháktis, palavra hindu para os poderosos. Empresários, artistas renomados, milionários em geral. Tem as propriedades luxuosas numa área privativa e com total segurança dentro da biocenose.

– E qual a terceira camada?

– Não sabemos muito sobre eles. São intocáveis. Sabemos que se chamam Devas, ou os semideuses. Demigods! Políticos, certamente. Mas você não ouviu de mim.



– Sempre eles... – concordo. – E, aproveitando. Você falou que a senhora Elisa é minha protetora. Como você sabe e o que você quer dizer com isso?

– Como vou vendendo pra turma, acabo escutando uma coisinha aqui, outra ali. Fofoca, sabe? Fofoca mística, ainda por cima. Imagina a mistura de fofoca com esoterismo. É outra categoria de cochicho, que mistura o intangível com o disse-me-disse. É tipo falácia metafísica, entende?

– Você está voltando a me enrolar?

Boca ri. Tripé late.

– Não é isso. To querendo te dizer que ouço coisas sem sentido. Você vai rir. Mas tipo... coisas relacionadas ao seu nome. A lenda da Aranha, uma espécie salvadora. O inseto escolhido pela natureza e pela senhora Elisa para elevar a comunidade. Esse tipo de besteira sem valor.

– Isso só deixa tudo ainda mais confuso.

– É confuso mesmo. Desculpa se não ajudei. E desculpa pelo lance do meu negócio, tá? Espero que você não se importe. Preciso ir nessa.

Boca usa meu joelho de apoio para se levantar e desaparece junto ao Tripé na neblina que se intensificou. Não me restando muito a fazer, caminho em direção a saída da comunidade Alissensofista. Fico receoso de o portão não se abrir, mas isso não acontece. Sem nem precisar falar “abre-te sésamo”, o portão se abre. Saio da tal biocenose com a certeza de ter mais perguntas do que repostas.

Fico aliviado de, pelo menos, ter desvendado o sumiço de Ernesto. Considero como missão cumprida. Espero que o tempo amenize as mágoas de Madalena quando ela souber a verdade. Tomara que não sobre tanto assim para mim. Monto a Georgina



e reflito se não será perigoso descer a serra do Rio do Rastro com tanta neblina. Resolvo retornar ao Rei das Trutas para saborear uma deliciosa truta ao molho de laranja. O estomago ronca só de pensar. Delícia! Quem sabe, antes de descer a serra, não fico uma última noite no Hostel Cambajuva para desfrutar de um frigobar de Heinekens geladas?

Reflito que tenho muito ainda para digerir, praticamente um menu degustação com entrada, três pratos, sobremesa e café. Quero fazer tudo com calma, no meu tempo. Enquanto piloto minha companheira, experimento a brisa gelada refrescar meus braços, mãos e pescoço. Me sinto vivo, como há muito não me sentia. Relembro da massagem sensual e de seus desbordamentos cósmicos, uma experiência única, que acredito nunca voltarei a viver. Sorrio lembrando da conversa com Boca. Fofoca mística? Falácia metafísica? Essas foram ótimas.

**Fim.**



# OBRIGADO, *MERCI*

Em primeiro lugar, gostaria de te agradecer por ter lido o Olho da árvore. Espero que a experiência tenha sido, no mínimo, agradável, como um bom café num dia frio.

Em segundo lugar, sem abusar, queria te pedir uma gentileza. Nós, autores nacionais, contamos demasiadamente com nossos leitores para evoluirmos no universo das palavras transcritas da mente para o papel (ou, para o computador).

E como você pode ajudar nesse processo?

Elementar, meu caro Watson. Além de divulgar para os amigos, uma grande ajuda é fazer a avaliação do livro nas redes sociais e nas grandes livrarias online como a Amazon. Se puder escrever uma resenha, seria ainda mais eficiente. Uau! Sempre fico comovido e seriei grato por alguns minutos do seu tempo.

Deixo, portanto, alguns links que podem fazer a diferença. É só clicar =)

[> Resenha/avaliação na Amazon](#)

[> Resenha/avaliação no Skoob](#)

[> Resenha/avaliação no Goodreads](#)

[> Link para o livro \*Olho da árvore\* no meu site](#)

[> Link para o meu site com todos os outros livros](#)

[> Link para o Podcast do Will, onde leio os meus contos](#)



Conto com seu comentário, avaliação, crítica e compartilhamento :)

Um grande abraço e meu muitíssimo obrigado. Amiga, você é mesmo uma amiga. Amigo, você é mesmo um amigo.

Nos vemos no próximo? Espero que sim.



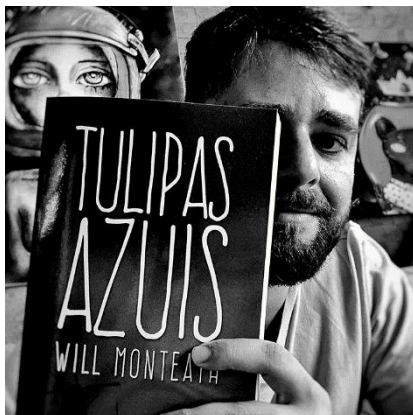
# SOBRE O AUTOR

**Will Monteath** nasceu no Rio de Janeiro, no Brasil, em 1981. É economista, headhunter, empresário e escritor. Vive atualmente com a esposa, duas filhas e dois gatos em Florianópolis, Santa Catarina. É autor de *Tulipas azuis*, *O headhunter que caçava Sonhos*, *Te apresento meu amigo*, *Foi lá em Copa*, *Contos antológicos para se ler em doses*, e *Todos os caminhos levam à Praia de Pipa*. Possui um estilo próprio com um olhar particular para o cotidiano e se inspira no realismo fantástico nipo-latino, desde Gabriel García Márquez até Haruki Murakami.

[willmonteath.com.br](http://willmonteath.com.br)

## **TULIPAS AZUIS** 🌷 **2017**

Dolf Van Haarlem é um rabugento pintor holandês que sempre sonhou em viver da sua arte. Pressionado por sua bela esposa a sair de férias, ele deixa sua galeria sob os cuidados de um recém-contratado vendedor italiano e

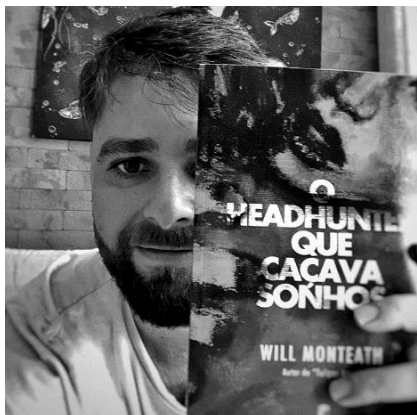


sua vida muda completamente. Agora rico e com prestígio, Dolf não sabe como lidar com a fama. Em meio a uma vida tomada por exageros, conseguirá ele superar os conflitos em família e a ambição de um manipulador que quer ditar as regras de sua carreira?

É o que você vai descobrir nesta trama irresistível com toques de arte, humor e gastronomia que se desenrola entre os moinhos e canais de Amsterdam.

[www.willmonteath.com.br/tulipas-azuis](http://www.willmonteath.com.br/tulipas-azuis)





## **O HEADHUNTER QUE CAÇA VA SONHOS 🌟 2018**

Simon Gambler é um bem-sucedido headhunter de uma empresa multinacional londrina. Acostumado à rotina de um executivo de sucesso, sua vida muda por completo quando ganha de presente um

livro que ensina a controlar e a desfrutar o mundo dos sonhos. Conforme vai evoluindo na arte do sonho lúcido, Simon acaba conhecendo seu alter ego, Bennett, responsável por virar sua vida de ponta-cabeça, envolvendo-o em romances, mistérios, assassinatos e em diversas aventuras com personagens famosos, que vão desde Nelson Mandela até o cantor inglês Morrissey. Conseguirá Simon retomar o controle da situação, distinguir com clareza os dois mundos e solucionar o misterioso assassinato de seu companheiro de trabalho?

É o que você vai descobrir ao ingressar na fantástica viagem de Simon e Bennett pelos universos acordado e onírico, com a cidade de Londres como pano de fundo.

[www.willmonteath.com.br/headhunter](http://www.willmonteath.com.br/headhunter)

# **TE APRESENTO MEU AMIGO 🌸 2020**

Falco Fouché é um adolescente belga que ajuda os pais em uma tradicional loja de chocolate. Gaspard Marion é um anão francês, recém-saído da prisão. Charlotte Branford é uma poetisa inglesa que desponta com veemência para o anonimato.

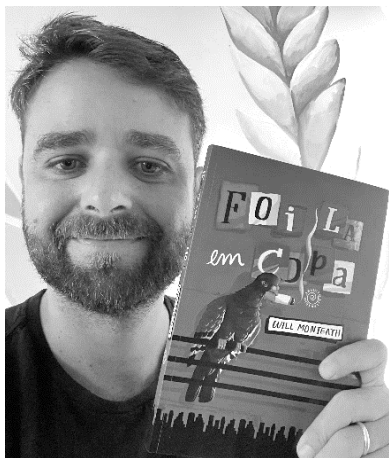


Uma garrafa de um exótico vinho branco grego é responsável por unir as inusitadas personalidades em uma viagem improvisada pela Europa, que começa em Bruges e termina em Santorini.

Conseguirão os amigos encontrar o raríssimo vinho Palió Kólo responsável pelo sucesso das trufas de chocolate branco?

Entre caronas, encontros, mistérios e desencontros, Te Apresento Meu Amigo é uma leitura leve, aventureira, elegante e faceira, que fala, com poesia e simplicidade, sobre amizade.

[www.willmonteath.com.br/amigo](http://www.willmonteath.com.br/amigo)



## **FOI LÁ EM COPA 🐦 2021**

Café, pão de queijo, mate com limão, tequila, Antarctica Original e guaraná. Orla Burle Marx, pombos (muitos pombos), idosos, marombeiros e pivetes. Ultraje a Rigor, Cazuzza, Paralamas, Engenheiros do Hawaii e Legião. Vince, Keko, Dona Zezé, José Miguel, Stefano e o pombo Almir.

Bunker 94, Cabral 1500, Canadian Videos, Academia Roxy, Lick's Bar e Guido de Fontgalland. Bandeirante Borba Gato, Parabéns pra Você, Zelda, sexo, truques de mágica e Vasco da Gama. Cocoon, Rocky IV, Back to the Future e o VHS Clube Copacabana. Woody Allen com Almodovar. Paris com Gotham City. O bizarro com o cotidiano. Pelado, nu com a mão no bolso.

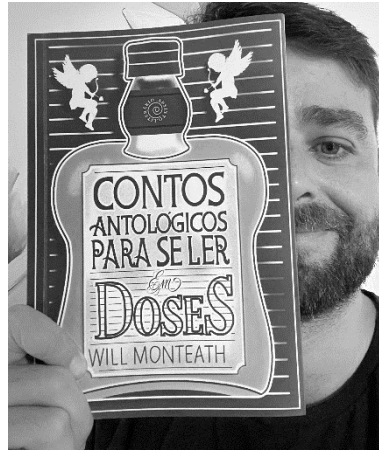
Três contos fluidos sobre uma Copacabana que você nunca imaginaria ver. Com uma tempestade de referências, os contos homenageiam o bairro em que o autor viveu durante os anos 80, 90 e 00. "Foi lá em Copa" é uma coletânea dos contos "Clube Copacabana", "Keko de Copacabana" e "Dias de Zé".

[www.willmonteath.com.br/copa](http://www.willmonteath.com.br/copa)

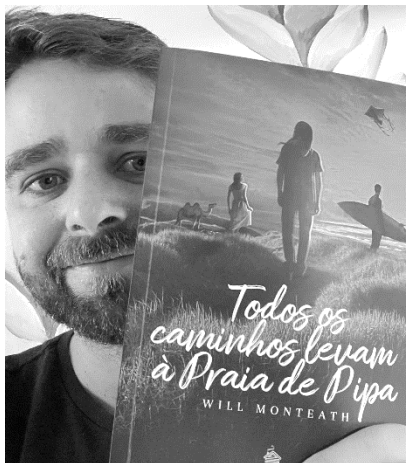
# **CONTOS ANTOLÓGICOS PARA SE LER EM DOSES 🍷 2022**

Dez contos antológicos para serem apreciados com tranquilidade, na ordem proposta, fora de ordem, ou como se achar melhor. Preferencialmente em doses de 50 ml, no fim de tarde, mexendo o gelo do copo com o dedo.

São eles: Zum zum e mel / Madrugada de intenções / Bourbon com alecrim / Dragão enjaulado / Reino da Dinamarca / A entrega (para o bem maior) / Eu, o Homem Pombo / Quadro de hotel / A vingança dos monópodes / O dia em que Murakami me visitou.



[www.willmonteath.com.br/contos-antologicos](http://www.willmonteath.com.br/contos-antologicos)



## **TODOS OS CAMINHOS LEVAM À PRAIA DE PIPA 🌸 2023**

Três personagens inusitados têm seus destinos entrelaçados no pedaço de paraíso do Rio Grande do Norte. Uma executiva pós síndrome de burnout à procura de autoconhecimento. Um surfista mudo que ganha a vida de uma maneira polêmica. E um médium charlatão, que após uma ressaca, encontra na praia um camelo perdido com poderes de cura. A vida dos três vira do avesso quando se mudam para a praia de Pipa. Conseguiram eles ressignificarem suas existências e resolverem seus dilemas internos? Qual segredo guarda o animal sagrado?

Com o camelo curandeiro como peça-chave do enredo, o livro narra três histórias de evolução que se cruzam entre doses de humor, sexo, solidão e mistério.

[www.willmonteath.com.br/pipa](http://www.willmonteath.com.br/pipa)

☼☼☼ *Quer me escrever e saber mais sobre meus livros e dietas exóticas? Perfeito, é só enviar um e-mail para:*

[willmonteath@gmail.com](mailto:willmonteath@gmail.com)

☼☼☼ *Quer me stalkear e saber mais da minha vida entre livros, crianças e gatos? Muito simples, me segue nesse perfil aqui:*

[instagram.com/willmonteath](https://www.instagram.com/willmonteath)

☼☼☼ *Quer me dar aquela força?*

É só espalhar resenhas do *Olho da árvore* pela Amazon, Skoob, Goodreads, Instagram e Youtube =)

☼☼☼ *Quer conhecer mais sobre meu trabalho?*

Visite meu site, veja meus outros livros e se cadastre na newsletter do Will.

[willmonteath.com.br](http://willmonteath.com.br)



*Todos os meus livros estão disponíveis na [Amazon](https://www.amazon.com).*